

## Sobre ver e ser visto

*Na vida cotidiana, o homem médio tornou-se um conhecedor de seu próprio desempenho e do desempenho dos outros. Contudo, o domínio dessas novas habilidades sociais, ainda que aumentando a satisfação estética, criou novas formas de incômodo e ansiedade. Preso em sua autoconsciência, o homem moderno sonha com a inocência perdida e o sentimento espontâneo. Andy Warhol queixa-se: “Dia após dia olho no espelho e ainda vejo algo – uma nova espinha... Mergulho um cotonete Johnson & Johnson no álcool Johnson & Johnson e esfrego-o na espinha... Enquanto o álcool está secando, não penso em nada. Como é de bom tom. Sempre de bom gosto. Quando o álcool seca, estou pronto para aplicar um curativo cor-de-carne para espinhas. Então, agora, a espinha está coberta. Mas, e eu, estarei coberto? Tenho de olhar para o espelho à procura de mais algumas pistas. Nada está faltando. Está tudo lá. O olhar sem afeto, a languidez entediada, a palidez sombria. Os lábios cinzentos, o cabelo branco-prateado hirsuto, macio e metálico. Nada está faltando. Sou tudo o que meu álbum de recortes diz que sou.”*  
(Lasch, 1983; 125-126)

Era como se Nova Iorque inteira existisse porque refletida numa peruca prateada: o ritual cosmético de Andy Warhol, a excêntrica artificialidade de sua figura, é uma das ilustrações a que Christopher Lasch recorre para definir *A Cultura do Narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio*. Baseado na herança desse livro publicado em fins da década de 1970 e de seu diálogo com as ideias de Richard Sennett sobre as tiranias da intimidade em *O Declínio do homem público*, este capítulo apresenta um estudo sobre a fixação no *quem sou eu*, a insolúvel questão sobre a qual se sustenta a popularidade das redes sociais e de diferentes iniciativas da Web 2.0, aqui pensada como desdobramento de uma tendência sociocultural.

A partir do que foi exposto no terceiro capítulo, será feita uma leitura – ancorada nos relatos dos entrevistados – de como a experiência *on-line* não

compõe um mundo dissociado do cotidiano “real” desses jovens. Mais além, esta seção reflete sobre como a brincadeira que essas plataformas incitam pode estar fornecendo um amparo narrativo para que seus usuários constituam atos autobiográficos numa cultura familiarizada com a imagem eletrônica. Também será aqui analisada a maneira pela qual o Orkut, a exemplo de outras redes sociais que se popularizam na internet, tem oferecido ao usuário um instrumental de monitoramento dos demais membros do site: nos últimos anos, a rede sofisticou tanto as ferramentas para que se diga *quem se é* como também para que se saiba *quem os outros são*. O contínuo convite à *atualização* dos dados, fotos e demais elementos inseridos pelo usuário no site será pensado como desdobramento do valor assumido pela *informação* em nosso contexto histórico, visto em sua microrrealização, qual seja, em sua manifestação num terreno até algum tempo atrás entendido como pertencente ao âmbito privado.

Na sequência, veremos que a sociabilidade facultada por esses dispositivos se apoia numa tendência de vigilância bastante diferente daquela verificada nas sociedades de disciplina, examinadas por Michel Foucault em *Vigiar e Punir* (2008). Ainda que fique claro, como veremos, que nessas plataformas digitais se coloca um mecanismo de controle distribuído, ele se confunde com as noções de voyeurismo e participação, requerendo um novo tipo de abordagem – e talvez de nomenclatura – para a compreensão do fenômeno. Nesse empenho, serão convocados trabalhos de autores como Anders Albrechtslund (2008), Fernanda Bruno (2006, 2009), Henrique Antoun (2007) e Mark Poster (2000).

\*

Como apontado no fim do terceiro capítulo, o jogo do Orkut se baseia na relação que o usuário estabelece com o olhar dos outros membros da rede. Seu perfil pode ser entendido como uma plataforma narrativa, na qual se enfileiram indícios de seu círculo social, seus gostos e seu comportamento. Embora ofereça ao usuário a oportunidade de participar da rede sem se expor, isto é, sem revelar sua “intimidade”, o site faz de sua própria dinâmica um chamado para que as particularidades de cada pessoa ganhem leitura pública.

“O *Google* fornece diversas ferramentas para restringir as pessoas que podem ver o seu perfil e outras informações pessoais. Ao criar seu perfil, procure o ícone

‘chave’, que permite restringir a visualização de determinadas informações apenas para você mesmo, para os seus amigos, para os amigos dos amigos, ou disponibilizar as informações para todos os membros do Orkut.”<sup>1</sup>

A política de privacidade do site explica que a exibição completa do perfil está ao alcance da moderação do usuário: ele pode decidir o que mostrar e para quem mostrar. Logo, quem decide abrir sua vida na rede não o faz inadvertidamente, mas por vontade própria. Como sentenciou a entrevistada Camila, “quem não quer jogar não entra no Orkut”.

Mas, afinal, qual seria esse conceito de “intimidade” para que o uso do Orkut apresenta perigos? Como mostrado na descrição da formatação dos perfis, é possível participar da rede informando apenas o que se quer: em verdade, são poucos os usuários que revelam seus contatos pessoais, como telefone, celular ou endereço residencial. Ademais, a inscrição em comunidades, a exposição de fotos, a abordagem personalizada do *quem sou eu* são *opções* do usuário. Entretanto, dentro da lógica que o Orkut estimula, essas não parecem ser escolhas tão simples.

A tentativa de se proteger do olhar de qualquer pessoa dentro do site é uma ambiguidade recorrentemente comentada nas entrevistas. Esse fato leva a uma contradição: a visibilidade proporcionada pelo Orkut se transformou num fator que não apenas se soma, mas também concorre com a motivação original do Orkut, a ampliação da rede de contatos pessoais. Neste site e em redes sociais maiores, como Facebook e MySpace, a facilitação da vida social tem a ver com o cruzamento feito entre gostos e comportamentos em busca de novas amigas ou do aprofundamento de laços já ativos. As aproximações tendem a acontecer, então, justamente entre aqueles que, de uma forma ou outra, expõem seus interesses e preferências na rede.

Fenômeno de massa, o site atingiu tal marca de adeptos no país que integrá-lo significa garantir certa cidadania *on-line* para a juventude brasileira com acesso à CMC. E, alicerçados sobre a tecnologia digital, os desenvolvimentos desta rede desencadeiam mudanças na sensibilidade e no aproveitamento dos recursos pelos usuários. Cada ferramenta implementada pelo Orkut modifica a forma como os usuários dispõem sua narrativa de identidade digital: Mariana, por exemplo, comenta que o site foi, ao longo de sua trajetória, tornando-se mais

---

<sup>1</sup> Termos da Política de Privacidade do *Orkut*. Disponível em <http://www.orkut.com/html/pt-BR/privacy.orkut.html?rev=6>. Acesso em 24 de junho de 2009.

dependente das imagens que dos textos ou da troca de informações entre os membros:

“Uma das coisas que noto é que gradativamente a idéia de um mostruário de pessoas se tornou mais visual e cada vez menos manifestações escritas são consideradas necessárias ou interessantes. Os álbuns triplicaram, porém as informações, gostos e ideias pessoais só diminuíram.”

Sua declaração alude ao entrelaçamento da disponibilidade de recursos técnicos com a utilização voluntária da ferramenta pelos usuários. Em 2004, cada perfil podia ser ilustrado por 12 fotos de seus donos; em 2007, o número subiu para 100; em 2008, os usuários já poderiam exibir 10 mil imagens para *contar quem eram*. Tais ampliações fazem também com que o Orkut se torne uma plataforma centralizadora, muitas vezes substituindo o uso de ferramentas como os fotologs. Em vez de criarem uma página só para publicar suas fotos em redes sociais voltadas especificamente para imagens, os usuários podem fazer dos álbuns do Orkut uma alternativa útil, dada a popularidade do serviço e a visibilidade que proporciona junto a diferentes públicos. Se nem *todo mundo* visita fotologs, boa parte das pessoas que fazem parte dos contatos sociais destes jovens usa o Orkut, desde familiares até amigos da escola/universidade. Questionada sobre o que acha mais atraente no Orkut, Carla afirma que

“pra mim, as melhores (possibilidades) são a publicação de fotografias e a edição de perfis a nosso respeito. Minha família é de longe - parte mora em Goiás, parte em Portugal, meu pai mora em Joinville... Da mesma forma, também tenho amigos que, por diversos motivos, hoje em dia moram em diversos países e estados. Através da publicação de fotografias e da edição do perfil, posso mostrar o que tenho feito e, da mesma forma, posso saber o que eles têm feito, como estão fisicamente, se estão bem, do que gostam de comer e coisas do gênero.”

O Orkut realça, assim, a cotidiana transformação da vida em relato: através de fotos ou comentários que poderiam ser apressadamente classificados como mero exibicionismo, estão sendo também constituídas pontes, aproximações, interesses. A espontaneidade da resposta de Carla leva a pensar que o que se come – ou se deixa de comer – integra a experiência de vida de alguém tanto quanto as elaboradas manobras do espírito, como aquelas que Michel de Montaigne arriscou em seus *Ensaio*s há cinco séculos. Mas o que separaria essas duas experiências biográficas tão distantes?

Em seu já mencionado trabalho *O Narrador*, Walter Benjamin alega que a decadência da arte de narrar histórias no início do século XX se devia em muito à importância adquirida pela *informação* naquele contexto. Num mundo em que o

saber deixara de ser compartilhado através de histórias ou lendas que visavam a uma moral coletivamente apreendida e retransmitida entre várias gerações, o cotidiano e os relatos *amorais* produzidos sobre ele começavam a se tornar uma referência para o comportamento individual:

“O saber que vem de longe encontra hoje menos ouvintes que a informação sobre acontecimentos próximos. O saber, que vinha de longe – do longe espacial das terras estranhas ou do longe temporal contido na tradição –, dispunha de uma autoridade válida mesmo que não fosse controlável pela experiência. (...) Se a arte da narrativa é hoje rara, a difusão da informação é decisivamente responsável por esse declínio” (Benjamin, 1994; 202-203).

A crítica benjaminiana ao triunfo da informação sobre a narrativa épica guarda relação com a atenciosa edição do perfil do Orkut da entrevistada Carla porque “nas práticas confessionais da internet, a memória humana costuma ser pensada sob a lógica da informação” (Sibilia, 2008; 142). As narrativas da tradição se desenvolviam ao longo do tempo e estavam comprometidas com a imortalidade, reciclando-se para novos ouvintes de cada geração. A memória baseada na informação não se apoia mais numa abstrata noção de eternidade: ela é instantânea, flexível, veloz. Sobretudo, tal como previra Benjamin, o funcionamento dessa memória depende da *novidade* que cada história apresenta. Mais do que a sabedoria, o “lado épico da verdade”, o que a memória tecida por essas micronarrativas contemporâneas desvenda é o instante, o fato, a imagem. Enfim, a *informação*.

Embora teça uma narrativa no Orkut, história que diz respeito à sua própria experiência biográfica, Carla não *parece* querer ensinar ou aprender qualquer coisa com as respostas que dá em seu perfil ou vendo as fotos de seus parentes distantes. Quer informar e ser informada e, assim – quem sabe –, conseguir dividir *alguma coisa* com eles. Mariana, 22 anos, comenta o crescimento do uso das imagens para a composição deste grande “mostruário de pessoas” revelando certo desapontamento por os usuários se mostrarem mais por meio de fotos do que de suas ideias e preferências. Mas se o uso das comunidades do Orkut serve para descrever concisamente os interesses de muitos usuários, há também os que optam pela literalidade: é perceptível a oferta de espaço para que se escreva algo sobre si mesmo e a própria maquinaria do site tem aumentado tais convites.

O módulo “pessoal” dos perfis descrito no capítulo anterior, por exemplo, foi implementado depois de algum tempo de criada a rede e se apresenta como um facilitador para encontros afetivos. Além de um retrato mais objetivo do usuário (que interpela sua “cor dos olhos e cabelos” ou seu “tipo físico”), esta “ajuda” pode se dar pelo desenho da maneira como ele mesmo se vê (“o que mais gosto em mim”), do que espera em alguém (“par perfeito”; “o que me atrai”) ou ainda de tópicos que requerem alguma criatividade de quem se candidata à estratégia de sedução proposta pelo site (“com os relacionamentos anteriores aprendi...”; “no meu quarto você encontra...”). O usuário dispõe de mil caracteres para responder a itens como esses, numa página em que ainda pode se dar ao luxo de intitular o próprio perfil com alguma descrição pessoal. São apresentações que se assemelham àqueles perfis populares em revistas de variedades, nos quais se escolhe uma celebridade qualquer para responder qual foi “sua melhor viagem” ou “quem é seu escritor favorito”, no intuito de humanizar – ou talvez divinizar ainda mais – para o público leitor alguém que esteja em evidência. No Orkut, por sua vez, milhões de usuários reivindicam o direito de dar uma entrevista exclusiva e poder se definir como alguém que também merece a ribalta. A própria Mariana, que queria menos fotos construindo os perfis do site (embora ela mesma exponha noventa e seis), responde ao tópico “o que não suporto...” do módulo pessoal como quem quer demarcar sua especificidade individual, num acento notadamente publicitário: “certas caligrafias, certos humores, certos sotaques, vegetarianismo, apatia e bom-mocismo”.

Todas essas perguntas, todas essas respostas gravitam em torno do único assunto sobre o qual o Orkut se baseia: *quem sou eu?* Não por acaso, o site disponibiliza para a definição desta cilada existencial de cada usuário seu espaço mais generoso, com 4 mil caracteres. Depois de tentar se descrever em textos mais prolixos, Carla pediu a colaboração de um amigo para sintetizar sua apresentação na rede social:

“Esse e-mail do meu amigo Rodrigo define bem quem eu sou: Oi Carla!!! Lembrei de você em Salvador ontem. Fui numa reunião chata e lembrei de você querendo gritar ‘raios e trovões’ aqui da Bahia, rs! ---- Também sou autora do *blog Assim Mesmo*. Faça uma visita!”

A descrição dos recursos oferecidos pelo Orkut ao usuário serve para salientar um fato possivelmente óbvio: na plataforma do site, “vida social mais ativa e estimulante” é consequência natural de um perfil – ou *portfolio pessoal* –

capaz de angariar atenção, amigos, fãs. Contudo, como teorizam Boyd & Ellison (2007) e também sugeriram Recuero<sup>2</sup> e os jovens entrevistados para este trabalho, as relações interpessoais que se desenrolam nessas redes sociais geralmente estão ancoradas em laços reais, ainda que sejam “laços latentes”, ou seja, entre pessoas que já possuem algum tipo de conexão ou contato. Este é um dado importante, pois vincula as experiências *on-line* e *off-line*: ao menos com base nos jovens que foram ouvidos para a produção deste estudo, o Orkut se apresenta como um elemento *a mais* de sociabilidade, um facilitador de contatos e uma privilegiada ferramenta de informação sobre pessoas a quem estão ligados por *laços fracos*.

Assim, embora os perfis fictícios no Orkut sejam vários, não se observa uma maciça adoção do disfarce como forma de diversão e/ou subversão. O que o site parece estimular primeiro é um olhar que objetifica a relação do indivíduo com sua própria representação, dando forma a esses *eus* narradores e protagonistas de suas histórias, atravessados pelos recursos que o site oferece e pela tentação de conceberem digitalmente seu próprio reflexo. O *jogo* do Orkut, então, está em saber tecer um discurso atrativo sobre *quem sou eu* pelo intermédio híbrido de palavras, fotos, vídeos, comunidades ou até *emoticons*.

Já em 1914 o poeta português Fernando Pessoa, sob a alcunha de seu heterônimo mais autobiográfico – Bernardo Soares, afirmava que

“(…) sendo mais do que um espectador de mim mesmo / eu tenho que ter o melhor espetáculo que posso / e assim me construo a ouro e sedas / em salas supostas, invento palco / cenário para viver o meu sonho / entre luzes brandas / e músicas invisíveis” (1990; 275).

Uma das belas passagens do *Livro do desassossego* pode prestar socorro metafórico para a análise desses relatos de vida que as redes sociais – e o desenvolvimento da Web 2.0 como um todo – têm feito emergir nos últimos anos: esses são os melhores espetáculos que Carla, Mariana, Marcelo e milhões de pessoas *poderiam* ter. O que chama atenção é que na criação das salas supostas e cenários que estes novos meios de comunicação possibilitam, os narradores constroem a si mesmos, mas são igualmente espectadores de seu espelho. Ao publicizarem suas vidas como uma história sem início nem fim exatos, mas em

---

<sup>2</sup> “(…) outro elemento que eu sempre achei determinante para a entrada do pessoal no sistema foram as classificações. Todos queriam saber como os amigos os classificavam e assim era interessante convidá-los”. Disponível no *website* da pesquisadora, em [http://pontomidia.com.br/raquel/arquivos/recuperando\\_a\\_historia\\_do\\_orkut\\_no\\_brasil.html](http://pontomidia.com.br/raquel/arquivos/recuperando_a_historia_do_orkut_no_brasil.html). Acesso em 20 de junho de 2009.

permanente elaboração, os usuários de redes sociais, blogs ou fotologs escrevem um novo capítulo para a evolução das narrativas de identidade. Novo não apenas porque aquela consciência de si ensaiada pelas correspondências, técnicas de confissão ou diários íntimos tornou-se uma experiência compartilhada com outros pares, mas também porque esta recente motriz autobiográfica, estando profundamente atrelada aos modos de ser em nosso tempo, traz consigo um intrínseco fator estetizante. São amostras fortuitas da *sociedade do espetáculo*, a inescapável e ainda pertinente definição de Debord (1997) para um mundo em que a realidade tornou-se refém de sua própria imagem.

Em redes como o Orkut repercutem indícios de um paradigma de comportamento social peculiar do modo de produção capitalista que assumiu novas feições nas últimas décadas do século XX, impulsionado pelo amálgama entre vida cotidiana, consumo e sua representação pelos *media*. Em seus filmes e no manifesto escrito em 1967, Debord rastreou a centralidade do valor da imagem dentro de uma sociedade na qual a lógica da visibilidade se tornara imperativa. Para se retomar esta tese, basta exemplificar que, se durante o século XIX o modelo da acumulação do capital era o definidor da importância de alguém – dentro da ideia segundo a qual *éramos* o que *tínhamos* –, o século XX assistia à consolidação do reino da aparência, no qual *somos* o que *parecemos ser*. Já há nada menos que quarenta anos que Debord ponderou que esta “filosofia baseada na categoria do ver” tomaria conta do todo social, pois ela não mirava apenas ao conjunto de imagens difundido pelos meios de massa como signos, mas a inscrição delas na qualidade de código para as relações interpessoais.

Há uma associação clara entre tal concepção de mundo e o fato de os *media* terem se tornado, já então, espaços de autenticação de uma nova ordem social. Ao ressaltar o valor atribuído à imagem no século XX, Debord se reportava à maneira com que o discurso audiovisual perpetrado pela televisão, pela publicidade e pelo próprio cinema havia transformado a concepção da *realidade*, que agora só se dava a conhecer por meio de sua representação. Linguagem da ilusão, o espetáculo passara a pautar um modo razoavelmente alienado de compreender a vida, curiosamente repleto dos sonhos, luzes brandas e músicas invisíveis que Pessoa transformara num poema de vocação existencialista no início do século passado.

Sibilia (2008), por sua vez, convoca a noção do espetáculo para demonstrar como as narrativas confessionais verificáveis em blogs podem ser filhas não muito distantes daquelas popularizadas pelos diários íntimos nos séculos XIX e XX, mas repaginadas sob nova noção de eu. Nos últimos anos, essas páginas de fácil manipulação assumiram importância para os discursos jornalístico e literário<sup>3</sup>, mas se caracterizaram também como outro fenômeno de exposição de relatos de vida na Web 2.0. O número de blogs em atividade na internet no ano de 2007 chegava a 70 milhões, nos quais se estimava uma marca média de 1,4 milhão de novas entradas todos os dias (Braga, 2008). Um universo certamente muito vasto, mas dentro do qual se podem encontrar anotações como esta:

“Não é fácil ser adulto. Basta dar uma passada de olhos pelas manchetes dos jornais para que o ceticismo corra nossa alma: violência, desemprego, recessão, terrorismo. Às vezes é até uma tarefa inglória alimentar sonhos, quando estamos tão ocupados procurando maneiras de como arranjar dinheiro para pagar as contas no final do mês. (...) Quando eu era criança, acreditava que as estrelas eram os olhos de Deus, que piscavam de vez em quando para a gente apenas para que soubéssemos que havia um cara lá em cima de olho nas traquinagens que aprontávamos. Quando eu era criança, meu pai dizia que eu devia cuspir longe as sementes de melancia, porque se engolissem uma delas por acidente nasceriam outras melancias dentro do meu estômago. Pensava comigo mesmo: ‘ué, será que é assim que as mães ficam grávidas?’. Quando eu era criança, não conseguia entender como funciona o tal do Amor (aliás, o adulto aqui continua sem entender patavina nenhuma). Ficava imaginando: ‘pôxa, mas e se a minha alma gêmea morar na Finlândia ou na Nova Zelândia? Como a gente vai fazer pra se encontrar?’”<sup>4</sup>

A partir do fragmento acima, entra-se em contato com as observações sobre a vida e as reminiscências de Alexandre Inagaki. O autor recorda sua

<sup>3</sup> “Muitos dos primeiros estudos acerca da emergência dos blogs partiram de uma analogia com a chamada ‘escritura de si’, os diários íntimos em voga nos séculos XVIII e XIX. Entretanto, se considerarmos que a narração de uma história implica a adequação da experiência vivida no âmbito privado à aparição pública, como no caso dos blogs – textos produzidos visando à publicação –, fica claro o limite frágil dessa analogia. (...) A perspectiva desses estudos se mostrou reducionista, principalmente à medida que o uso dos blogs foi se constituindo por outros caminhos, especialmente na interação que estabeleceu com os discursos literário e jornalístico” (Braga, 2008; 49). Embora os blogs venham realmente afirmando a relevância de sua dinâmica de publicação para diversos objetivos de comunicação (seja como meio para o jornalismo, a literatura ou a política), parece também reducionista ignorar a preponderância das práticas de confissão publicizada nestas plataformas digitais. Como mostra Sibilia (2008) na comparação entre blogs e diários íntimos, é mais provável que a *escrita de si* tenha se transformado porque o *eu* que lhe dá partida também sofreu fortes abalos no decorrer do último século.

<sup>4</sup> Postagem do dia 24 de dezembro de 2005 do *blog Pensar enlouquece*, de Alexandre Inagaki. Disponível em [http://www.interney.net/blogs/inagaki/2005/12/24/quando\\_eu\\_era\\_crianca/](http://www.interney.net/blogs/inagaki/2005/12/24/quando_eu_era_crianca/). Acesso em 17 de junho de 2007.

infância como quem se abre para um amigo: em suas confissões, cabem considerações sobre como a realidade chegava à sua retina quando criança, suas perguntas saudavelmente ingênuas sobre a existência, sua própria relação com o que lhe parecia o mundo adulto. Numa leitura aleatória de seu blog, conhecem-se algumas das questões que povoavam a imaginação de sua infância, mas também certa imperícia para lidar com o tema do amor que persiste na maturidade. Contudo, exatamente quem viria a ser Alexandre Inagaki? Seria uma pessoa real ou uma criação de outro autor? Onde ele mora, com que trabalha, por que resolveu contar isso ao mundo?

Dono de talento literário questionável, Inagaki parece vir à cena para manifestar suas memórias num empenho semelhante àqueles que impulsionaram os diaristas modernos: organizar seus sentimentos e extrair deles algum sentido por intermédio da linguagem. Ao se transformar no eu que relata, o blogueiro conforma sua unidade subjetiva a partir da narrativa. Sua própria vida ganha consistência na medida em que é posta em discurso, pois graças a palavras e imagens “podemos criar universos e com elas construímos nossas subjetividades, nutrindo o mundo com um rico acervo de significações” (Sibilia, 2008; 31).

Contudo, Inagaki não o faz como um rito privado, a exemplo do que ocorria no diário íntimo, mas como performance pública, aberta ao exame e à réplica de qualquer internauta que o acaso faça visitar seu blog. Também diferente de um livro autobiográfico encontrado numa livraria, seu relato não está comprometido com a posteridade, nem avalizado por uma editora ou pelo mercado cultural. Não se sabe a origem ou o paradeiro desse autor: a partir do encadeamento de postagens com que se depara na tela, cabe ao eventual leitor de seu blog reunir os diversos recortes que compõem o álbum de quem escreve.

A partir do estudo de Sibilia sobre a ascensão desse filão narrativo da Web 2.0, vê-se que a escrita confessional em blogs, sediando mudanças significativas em seus modos de produção, vincula-se àquele mesmo dispositivo fundado no período moderno com o nascimento da individualidade por sua natureza autorreflexiva. Mas se observa nessa breve comparação uma transformação das escritas de si: se, como visto no segundo capítulo, os diários íntimos eram um espaço reservado para o enfrentamento de si mesmo pelo registro dos questionamentos do indivíduo em função de uma autodescoberta, os blogs aparecem como territórios em que esse ato se *publiciza e performatiza*.

Assim, a *escrita autoinvestigativa* do diário íntimo, que se tornou prática de massa entre os séculos XIX e XX, pode estar cedendo lugar a uma *exposição autopoietica* no blog, experiência que consiste na tentativa de construir nexos sobre a própria vida diante de um público que não se pode prever de antemão. A escrita do diário da modernidade definia-se por seu caráter sigiloso, focando-se num registro de intimidade que contrastava com o que se poderia dizer em público. Já no blog, essa escrita de si tem na existência do público um elemento definidor de sua própria gramática. Ao estetizar suas memórias de infância para colocá-las num discurso destinado à apreciação de qualquer pessoa que acesse seu blog, Alexandre Inagaki faz mais do que uma graça com seu passado: atesta o parentesco rímico e semântico que vem atrelando os verbos existir e exhibir na CMC e no contexto mais amplo da cultura contemporânea.

É certo que se transformou a relação com o segredo que as técnicas de confissão modernas inculcavam. Mas, antes disso, já é outra a noção que este eu pode ter de si mesmo:

“A subjetividade construída nos primórdios da modernidade tinha seus eixos constitutivos nas noções de interioridade e reflexão sobre si mesma. Em contrapartida, o que está agora em pauta é uma leitura da subjetividade em que o autocentramento se conjuga de maneira paradoxal com o valor da exterioridade. Com isso, a subjetividade assume uma configuração decididamente estetizante, em que o olhar do outro no campo social e mediático passa a ocupar uma posição estratégica em sua economia psíquica”. (Birman, 2005; 23)

“A devoção oitocentista pelas peculiaridades subjetivas ainda persiste, bem como essa vontade de ser singular. (...) Para estilizar - e mostrar - tais qualidades supostamente únicas de cada um, porém, já não é mais necessário escavar nas trevas do próprio passado, nem cultivar ou sequer indagar na própria interioridade. Todavia, apesar dessas mudanças cada vez mais notáveis, também é certo que nos novos relatos autorreferentes ressoam ecos da velha vontade romântica de reter o tempo. Institui-se aquela ânsia de guardar algo próprio que se considera valioso, mas que inevitavelmente irá escapar no frenesi da aceleração contemporânea. O sonho impossível de preservar toda a miudeza conforma a própria vida: milhões de instantes passados e enfileirados em sua duração até o presente.” (Sibilia, 2008; 135)

Pelo viés crítico da psicanálise, Joel Birman não deixa de notar os efeitos que também estão presentes no trabalho de Sibilia sobre o aparecimento deste novo eu. Ambos partem da premissa de Debord, analisando como a noção de espetáculo se apoderou das relações sociais hoje, requerendo um novo modo de ser e sentir. Deflagrada uma crise na interioridade sobre a qual se fundamentou o indivíduo moderno, a experiência identitária passa a ser balizada pela exterioridade e por

uma constante estetização desse eu. Trata-se da primazia da filosofia baseada na categoria do ver: a legitimação de si sendo tributária do olhar do outro no ambiente social.

A entrevistada Carla revela que fez seu primeiro blog aos 16 anos. “Era um típico blog de adolescente: muito colorido, textos precários e infantis, fotografias, pontos de vista... dá até uma certa vergonha lembrar. A novidade era a facilidade em poder publicar”. Era início dos anos 2000 e as plataformas da Web 2.0 tomavam conta da agenda de notícias e da pauta do compartilhamento de informação entre os usuários da internet. Carla, assim como milhões de pessoas em todo o mundo, aderiu àquela brincadeira que vinha se somar aos meios que a CMC inseria no cotidiano. O *e-mail*, as salas de bate-papo *on-line*, os programas de troca de mensagens instantâneas haviam antecedido o aparecimento do blog como selos do novo comportamento digital. Mas a possibilidade de manipular uma página exclusiva na internet, na qual se podia escrever e publicar qualquer pensamento – livre da mediação de um programador ou de um moderador de conteúdo – acionou de maneira particular a esfera do desejo e os pudores com a exibição desses usuários.

Ainda antes da explosão das redes sociais como o Orkut, os blogs já inauguravam a proliferação de narrativas de identidade que move o presente estudo. Sua dinâmica é diferente porque baseada numa linguagem própria, sem dúvida mais dependente da significação textual do que a representação de si proporcionada pelos perfis em redes sociais. Contudo, os usuários dessas plataformas igualmente ativam conexões entre si, comentam a produção uns dos outros e dão forma a modalidades específicas de sociabilidade<sup>5</sup>.

Cabe ressaltar o aspecto de “tribuna livre” que definiu os blogs como estandartes da expansão da Web 2.0: se uma década antes a disseminação de informação, opinião e conhecimento se restringia às instituições de ensino, à indústria cultural e aos *media*, esse ambiente digital gratuito, de fácil utilização e generosa capacidade de armazenamento e publicação de dados surgiu apresentando mais seduções que riscos. Com isso, adolescentes como Carla,

---

<sup>5</sup> Cf. BRAGA, Adriana. *Personas Materno-Eletrônicas*. Feminilidade e Interação no Blog Mothern. Porto Alegre: Sulina, 2008.

figuras públicas como o colunista José Simão<sup>6</sup> e tantos outros usuários abraçaram a nova ferramenta e foram aprendendo, a partir da experiência, que valores os blogs estavam fomentando como meio de expressão.

O *Segundo Caderno* do jornal *O Globo* do dia 29 de novembro de 2007 estampava na primeira página uma entrevista com o dramaturgo Aguinaldo Silva, em matéria assinada pela jornalista Patrícia Kogut. O autor da novela *Duas Caras*, então em exibição no horário nobre da Rede Globo, recebia naquela oportunidade um espaço para comentar os baixos índices de audiência alcançados pelo folhetim, bem como para abrandar as polêmicas que vinham sendo noticiadas pela imprensa sobre possíveis atritos seus com a diretoria da emissora. Desde o fim do mês de outubro daquele ano, Silva assinava um blog hospedado na face *on-line* da Rede Globo, o portal *globo.com*. Seu diário na internet estava desvinculado de suas obrigações como autor do mais valorizado produto da programação televisiva nacional. Assim, o dramaturgo se sentiu autorizado a publicar opiniões pessoais, que acabaram suscitando embaraços no alto escalão da empresa – como sua perspectiva ácida acerca da atuação de Gilberto Gil como Ministro da Cultura do país. Na entrevista para o jornal, Aguinaldo Silva amenizava as supostas pressões políticas deflagradas pela exposição de suas opiniões, não sem antes deixar uma revelação sobre o “trauma” de ter um blog:

“Vou falar de mim mesmo e não dos outros blogueiros. Senti em mim uma certa tendência à arrogância. O espaço é meu, não tenho que prestar contas a ninguém, e, apesar dos que postam críticas, a maioria aprova. É um veículo que eu diria complicado, principalmente para quem, como eu, vem de mídias mais tradicionais”.

Aguinaldo Silva fala por si mesmo e seria imprudente considerar nesta rápida abordagem que o blog estimula um comportamento “arrogante” em seus usuários. A altivez em que o dramaturgo incorreu poderia ser pensada em termos da carga opinativa e superindividualizada que os blogs, como forma de discurso, têm apresentado para a comunicação. Não é à toa que, como alegou Petersen (2008), muitas das narrativas que brotam desses espaços da Web 2.0 distanciam-se de um modelo politizado da CMC, sendo especialmente interessadas nas revelações íntimas de cada usuário: emblema do que pode ser chamado de *mídia*

---

<sup>6</sup> José Simão foi um das primeiras personalidades brasileiras a ganhar notoriedade publicando em *blogs* na internet. Dando destaque a furos que teriam que esperar pela impressão do dia seguinte da *Folha de São Paulo*, Simão foi aos poucos construindo um espaço independente de sua coluna no jornal.

*peçoal*, o blog – ao menos o *blog confessional* – é outro dos instrumentos que têm dado contorno à subjetivação *quem sou eu*. “Confesso: o blog mexeu muito comigo, assim como os *blogs*, de um modo geral, mexem com a cabeça daqueles que os acessam”<sup>7</sup>.

Vindo de “mídias mais tradicionais”, Silva foi capturado pela mesma máquina subjetiva que já colocou Carla, nascida numa era na qual ter um blog é tão fácil quanto natural, noutra tipo de apuro:

“existe uma grande diferença entre a noção de intimidade para pessoas da nossa geração e gerações anteriores, como nossos pais, por exemplo. É certo que eles nasceram em plena revolução sexual, mas os adolescentes de hoje já crescem achando a sexualidade muito natural, e falam disso abertamente com muita naturalidade. Eu era muito ingênua naquela época (aos 16 anos), mas falava sobre assuntos como menstruação, beijos na boca e essas coisas que só diziam respeito a mim e, no máximo, aos amigos mais íntimos. Entretanto, publiquei na internet para quem pudesse/quisesse ver.”

Os relatos levantados sobre os usos dos blogs objetivam retratar a pertinência das ideias de Debord para o exame da construção discursiva no ciberespaço. Naquele terreno razoavelmente protegido a que a modernidade dera o nome de *intimidade* do indivíduo comum a CMC tem capilarizado o *espetáculo* encenado no século XX pela imagem midiática. A Web 2.0, conjunto de ferramentas com capacidade democratizadora sobre a comunicação contemporânea, significa também a constituição de uma nova e gigantesca arena de representação, na qual até os primeiros mênstruos têm sido narrados, expostos e testemunhados. Mas haveria público para tudo isso que se deseja contar?

“Uma tal oferta só pode se desenvolver porque a demanda existe, uma escuta insaciável que se satisfaz tanto, e quase mais, com o *ersatz* quanto com o produto natural. Demanda dirigida e mantida pelo modo de *personalização* que a mídia impõe a todas as mensagens que veicula, quer se trate de política, de publicidade, de literatura ou de esporte: mal apertamos o botão, começamos a nadar no íntimo, no direto, no corpo a corpo... não seria possível concluir da análise da situação atual que esse fenômeno é acompanhado por outro que, paradoxalmente, o inverte? Que, vítima de seu triunfo, a expressão autobiográfica tornou-se o meio obrigatório da maioria dos outros fins? O eu passou a ser um excipiente destinado a engolir todo o resto.” (Lejeune, 2008; 191)

<sup>7</sup> “A TV Globo anunciou na última sexta-feira que o autor de ‘Duas caras’, Aguinaldo Silva, ficaria afastado do trabalho por um período de um mês, mas ontem ele retomou os trabalhos alegando ‘saudade da novela’. Silva se diz recuperado de uma crise hipertensiva causada por estresse, durante a qual seu médico teria ordenado que escolhesse entre ‘Duas caras’ e a vida. Agora, de volta, desculpa-se por ter sido ‘um tanto ou quanto agressivo’ em seu blog e diz: - O blog, por causa de ‘Duas caras’, virou referência e talvez isso me tenha subido à cabeça. Agora já o vejo de um modo, digamos assim, mais ‘adulto’”. *Segundo Caderno* do jornal *O Globo*, edição de 29 de novembro de 2007.

Pierre Lejeune acaba tocando em pontos que sugerem algumas das motivações das narrativas de identidade na Web 2.0. O legado simbólico desta “grande mídia” especializada em produzir craques, políticos, estrelas – enfim, eus – também se verifica na promoção da intimidade à categoria de feitiço que os blogs, fotologs e redes sociais têm suscitado. Assiste-se, portanto, à readequação do regime de visibilidade num ambiente em que o poder sobre a imagem eletrônica se dissolve e os discursos nela baseados aumentam vigorosamente.

\*

Essas são questões que se manifestam de forma bastante clara em plataformas como o Orkut e sua ênfase no *quem sou eu*. Aliás, em redes sociais assim talvez a *sociedade do espetáculo* revele com especial profundidade como as relações interpessoais vieram a se submeter à linguagem da representação: no Orkut, tudo é imagem, até o que não é. O site sugere ao usuário uma constante descrição de si como quem fotografa a própria vida e distribui seus instantâneos em larga escala. E é interessante notar que milhões de pessoas o têm feito diariamente sob uma única pressão – a de seu livre arbítrio.

A composição da narrativa de identidade multimídia possibilitada pelo site a todo o tempo reitera sua condição mutante, polimorfa, em processo. Ao contrário dos relatos autorreferentes que a precederam, ela não retrata indivíduos que se imaginam donos de uma natureza unívoca, que deve ser perscrutada através do discurso, como aqueles da primeira modernidade. São narrativas que fazem do hibridismo de sua constituição (fotos, palavras, vídeos, *emoticons*) uma tentativa de captar um *flagrante* de alguém por essência variável. Isso porque as identidades no Orkut estão dispostas em prateleiras: basta que se escolha a que melhor convém no momento. Desvencilhar-se delas é igualmente fácil. A noção da mutabilidade das identidades narradas no Orkut é ironicamente resumida por uma das tantas comunidades popularizadas por esta rede social – “Comunidade é coisa de momento: você pode ter simpatizado e entrado nessa comunidade agora, mas daqui a dois dias pode ser que se pergunte – ‘que diabos eu estou fazendo nessa merda de comunidade?’”<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Disponível em <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=20503558>. Acesso em 22 de junho de 2009.

Dentre tantas diferenças em relação aos relatos autorreferenciados modernos, tem-se de partida a certeza de que as histórias de vida que o Orkut abriga sofreram uma transformação em sua duração. Neste site, as narrativas abandonaram a fantasia de uma totalidade identitária para exaltarem a mudança, a performance e a capacidade de reinvenção dos usuários-personagens. Estranhamente, como visto no terceiro capítulo, a mudança, a performance e a capacidade de reinvenção incitadas pelo modelo de trabalho no capitalismo avançado foram os justos elementos que fizeram Sennett (2001; 27) duvidar da existência de narrativas de identidade hoje. Parece, entretanto, que o jogo do Orkut, entretenimento diário de milhões de jovens brasileiros, oferece como resposta à deriva que marca a condição contemporânea uma forma lúdica de representação, localização e observação social igualmente composta por fragmentos e episódios.

“Tanto a fragmentação como a aceleração que estilhaçam o real na contemporaneidade, conspirando contra as visões totalizantes, também dificultam aquela tarefa artesanal de ordenamento das próprias lembranças a fim de montar um relato de si coerente e estável. Sob estas novas temporalidades, deverão mudar os procedimentos para atualizar a memória do vivido, bem como os mecanismos para construir as narrativas do eu”. (Sibilia, 2008; 143)

É fato que, num tempo de intensa aceleração da experiência cotidiana, a narratividade fragmentária e episódica fundada por essas novas experiências biográficas não deixa de sentir nostalgia do que passou. Elas se baseiam numa exaltação do presente, um “tempo congelado pelo espetáculo”, na definição de Debord, e obstinam-se a perguntar *quem somos* não porque querem saber *quem fomos* ou o que *viremos a ser*, mas sim no episódio que nos interessa contar *agora*. Todavia, os usuários dessas redes sociais também encontram nelas algum sentido de linearidade: os recados, álbuns e depoimentos que alguém coleciona são por si mesmos constituintes de uma pequena memória autorreferenciada.

Mariana fala que “segundo os registros (que, aliás, são para mim o grande mimo de manter essas redes sociais, semelhante aos cadernos de recordação que costumávamos inventar) me cadastrei no Orkut no dia 07/07/2004”. Noutro momento, quando perguntada se já tinha cancelado sua conta no Orkut por alguma razão, explica que nunca “cometi *orkuticídio*. Um dos motivos é a vontade de manter os tais registros”. Há assim uma produção de afeto entre o usuário e aquilo que ele mesmo narra – ou outras pessoas narram sobre ele – no espaço público do

Orkut. Ao longo do tempo, a plataforma (ou perfil) de cada usuário torna-se um centro de mensagens que foram criadas por ou dirigidas a ele, compondo um painel de sua experiência biográfica *on-line*.

Mas como conjugar estes valores de que o próprio site é um emblema, como a variabilidade e a particularização da vida cotidiana de cada usuário, com uma narratividade que se faça discernível, assimilável, consumível pelas outras pessoas? É nesse aspecto que a imagem parece cumprir um papel de destaque como *interface* dos humores diários. Diferentemente dos blogs, que fazem da confissão verbal o principal veículo de sua mensagem, nas redes sociais as histórias, estados, instantes se assentam em respostas telegráficas, ícones gráficos e, sobretudo, em fotos dos usuários.

“Se o sujeito dentro-de-si – demarcando a noção de interioridade – não define mais o ser do sujeito de maneira absoluta, rompendo uma longa tradição iniciada no século XVI, isso implica reconhecer que a oposição dentro-de-si e fora-de-si perde o poder simbólico de delinear os territórios entre o sujeito e o outro. A subjetividade tende a ganhar contornos espaciais, definindo-se por superfícies de contato e superposição”. (Birman, 2005; 190)

Os contornos espaciais que tomam conta dessa produção de subjetividade hoje dialogam em grande medida com a disseminação da imagem eletrônica – aqui pensada em sua presença nos processos da CMC – como componente dos códigos de interação humana. Esse *sujeito* da tradição psicanalítica, historicamente configurado sob a ideia da interioridade, passa a ter uma baliza de sua conduta e valor social na representação de si pela imagem. No Orkut, rede na qual tudo é imagem, a alteridade se define menos pela demarcação daquela identidade profundamente investigada do período moderno do que pela habilidade de cada usuário em *parecer* o que lhe convém. Há, então, uma vocação para a exploração de si como avatar, alguém cuja narrativa comporta diversas faculdades, momentos e cenários possíveis.

Nesse sentido, o uso de imagens ganha evidência por esboçar a nebulosa fronteira entre o dentro e o fora de si sobre a qual se reconhece o indivíduo contemporâneo. Mariana já apontara o crescimento do uso de fotos para a construção das histórias pessoais no site. Camila afirma que

“de todas as possibilidades, penso que as fotos talvez sejam as mais reveladoras. Ali está a família, esses são os amigos, essas são as roupas que uso, esse é o sorriso pra câmera. Até mesmo a escolha das fotos: isso tudo diz muito sobre o que a pessoa quer apresentar, o que ela quer que os visitantes pensem sobre ela”.

O *quem sou eu* do Orkut é este espetáculo medido, ponderado, delicadamente construído para a observação do outro. A fala de Camila resgata a discussão do uso da fotografia como expediente de autorreconhecimento numa circunstância bastante diferente daquela abordada no segundo capítulo deste estudo. Assimilada como meio de massa já há muitas décadas, a fotografia – ou, no limite, a *imagem* – foi assumindo importância central para a auto-observação destes indivíduos-autores de suas próprias narrativas. Desde a sua invenção e disseminação social, a imagem fotográfica passaria a capturar a realidade não só para os procedimentos da criminologia, para a produção jornalística ou para os efeitos da publicidade. Também serviria como meio privilegiado para que cada indivíduo compusesse um senso narrativo de sua identidade pessoal.

“A realidade passou cada vez mais a parecer com aquilo que as câmeras nos mostram. É comum, agora, que as pessoas, ao se referirem a sua experiência de um fato violento em que se viram envolvidas – um desastre de avião, um tiroteio, um atentado terrorista -, insistam em dizer que ‘parecia um filme’. Isso é dito a fim de explicar como foi real, pois outras qualificações se mostram insuficientes.” (Sontag, 2004; 177)

Camila não tem dúvida de que o que mais a revela são suas fotos. Talvez porque ela já precise *olhar* para seus registros em imagem para acreditar em si mesma, nas roupas que usa, no sorriso especialmente escolhido para a câmera. Aquela capacidade de indicição do cotidiano com que a fotografia revolucionou a representação humana em fins do século XIX aparece ainda muito viva, sendo agora articulada a novos discursos e formas de subjetivação. Lasch já apontava trinta anos atrás que esse casamento entre o aparato tecnológico e a vida cotidiana afetava de modo irreversível a maneira pela qual a história individual passara a ser experimentada:

“A proliferação das imagens registradas mina nosso senso de realidade. Desconfiamos de nossas percepções até que as câmeras as atestem. As imagens fotográficas dão-nos prova de nossa existência, sem a qual acharíamos difícil até mesmo reconstruir uma história pessoal. As famílias burguesas do século XIX posavam para retratos de forma a proclamar o status de família, ao passo que, hoje em dia, o álbum de fotografias da família atesta a existência do indivíduo: o registro documental de seu desenvolvimento desde a infância proporciona-lhe a única evidência de sua vida, que ele reconhece como totalmente válida. Entre os muitos usos narcisistas atribuídos à câmera, a autovigilância situa-se entre os mais importantes, não só porque ela proporciona os meios técnicos de incessante autoescrutínio, mas porque torna o senso de identidade dependente do consumo de imagens do eu, ao mesmo tempo colocando em questão a realidade do mundo exterior”. (1983; 73-74)

Tal qual Andy Warhol, Camila é tudo o que seu álbum de recortes diz que seja. E, assim como ela, os usuários do Orkut fazem dessa mania uma rotina diária de consumo de imagens de si mesmos. Todavia, os mecanismos da fotografia digital, que vieram a expandir largamente a produção e a exibição de imagens na última década – e cuja recente acoplagem aos telefones celulares faz a tendência ainda crescer –, levam essas técnicas de autoenfrentamento a uma saturação da representação do eu. Como antevira Lasch, este indivíduo tão habituado à tecnologia e à leitura de suas próprias fotografias sonha com o sentimento espontâneo já que, na eterna possibilidade de haver um ângulo melhor, nunca existe imagem de si que baste.

É nesse contínuo acionamento de sua narrativa identitária que o indivíduo se transforma num *eu em questão*, em alguém que tenta se reconhecer como personagem de uma história, que tenta organizar sua experiência na primeira pessoa do singular. Tantas horas gastas por dia num site formalmente modesto como o Orkut pode ter a ver com a tentativa de se olhar no espelho e ver algo de novo, algum detalhe que tenha escapado à maquinação, quem sabe, alguma validação da própria existência que surja a partir do exame dos outros.

“Ninguém se parece consigo mesmo. Nada em mim implica necessariamente a cor dos meus olhos, o tamanho do meu nariz, nem o resto. Habituei-me a meu rosto, mas esse hábito não resiste à surpresa de uma passagem diante de um espelho, nem a uma autocontemplação um pouco mais demorada. Olhos nos olhos, dissolvo-me. Com o pincel na mão, reconstruo-me, preencho as brechas, envolvo-me, circunscrevo-me, restauro-me, coloco-me ‘em bom estado’, em cena, para outrem, como outrem”. (Lejeune, 2008; 245)

O autor fala da propriedade ilusória de toda representação do eu e da embaraçosa constatação de que nossa experiência subjetiva, interior, transcendente, venha ao mundo em materialidade tão palpável, manifestada pelo olho, pelo nariz, pelo corpo. É por isso que a autocontemplação tem um caráter saturador: ao menos desde que a dualidade entre o corpo e o espírito se instalou na cultura ocidental, nunca fomos *só* aquilo que víamos. Diante do espelho, este artefato popularizado a partir do Renascimento europeu, passou a haver uma pergunta sem resposta: *este serei mesmo eu?* Habitamo-nos à nossa imagem, sem por isso deixarmos de estranhar que ela seja nossa expressão mais onipresente no mundo, já que, diferente do discurso, existe independentemente da nossa vontade.

Parece que a constituição histórica do *homo psychologicus*, estando fundamentada na dimensão imaterial e íntima de cada pessoa, rivaliza com o

aparecimento de técnicas de representação que fizeram esse indivíduo não apenas interrogar quem era, mas passar a buscar em sua própria imagem um referencial identitário. Do espelho ao Orkut, com passagem obrigatória pela fotografia, os registros biográficos endereçados aos olhos viabilizaram a experiência da narrativa individual numa sociedade cada vez mais descrente na transcendência e dependente da imagem para a configuração de seus próprios valores. Este fato está devidamente atrelado à reordenação da percepção humana e à hierarquização dos sentidos ocorridas no último século, para as quais os meios de comunicação contribuíram de forma decisiva.

O regime de visibilidade instaurado pelo espetáculo se apoia na aparência para, tautologicamente, legitimar meios como fins: dentro desse sistema, o que é bom aparece e se algo aparece, é porque é bom. Num contexto que por um lado exalta a suprema unicidade de cada ser e, por outro, faz da exposição um pré-requisito para a existência de tudo o que se queira socialmente aceito, os olhos passaram a comandar a relação consigo mesmo e com os outros: “a visão é por excelência o sentido da distância, da comunicação sem contato, da objetificação. Talvez ela seja o menos afetivo dos sentidos, o mais apropriado ao individualismo” (Rodrigues, 2006; 55).

Voltando à colocação de Lejeune, frente à dissolução de si mesmo em que uma autocontemplação mais demorada incide, as ferramentas de representação difundidas nas redes sociais são o pincel que o indivíduo tem à mão, tornando possível que ele se reconstrua, restaure-se e coloque-se “em bom estado” para outrem. Se ninguém é capaz de resistir muito tempo à pergunta diante do espelho – *este serei mesmo eu?* –, os processos especulares de representação da Web 2.0 alimentam novos meios de automodelagem e autenticação da própria imagem. Isso porque essas experiências, baseadas em nossa própria inclinação perceptiva para o olhar, proporcionam a seus usuários a possibilidade de se *tornarem alguém* pelo estatuto da visibilidade. Ocorre assim o encorajamento de uma subjetividade não mais governada pela arguição privada da natureza profunda e obscura do *homo psychologicus*, mas pela assunção de identidades que só existem se vistas pelo outro.

Tendo afrouxado seu pacto com a interioridade e com as narrativas que a vinculavam à essência insondável de cada pessoa, as identidades passam a ser vividas em prol da singularização exterior. Passam a ser afetadas pelos vetores

que compõem a condição contemporânea, tais como a aceleração da experiência cotidiana e o congelamento do tempo presente, que as privam da noção de pertencimento. As orientações de credo, gênero, conduta tornam-se menos estanques, obrigando as formas de subjetivação a se guiarem “pelo vento dos acontecimentos”, como ponderou Suely Rolnik (1997).

Numa realidade em que o corpo sobrepuja ao espírito, já que começamos a ser *só* aquilo que vemos, a imagem individual se transforma, ela própria, em suporte narrativo. Os rituais contemporâneos de auto-observação, estando à mercê de exame público, acenam à performance e configuram identidades-avatars. Carla, por exemplo, conta que

“em 2003, criei meu primeiro fotolog. Cheguei a criar várias amizades graças a uma série de fotos que chamei de ‘Volta ao Mundo’ e estão hoje disponíveis no meu Orkut. Aquelas fotos eram diferentes das postadas em fotologs convencionais. Não eram fotos de eventos a que eu ia, com legendas como ‘eu e a galera no show dos Paralamas’. Eu tirava fotografias usando maquiagem rudimentar com produtos não-convencionais (talco, por exemplo) e montava figurinos usando roupas antigas da minha mãe. Criava histórias para cada personagem de cada país. O fundo era sempre o meu quarto. Dessa forma, muita gente que entrava no meu fotolog e achava as fotografias criativas acabava me adicionando como favorita, fazendo comentários... uma coisa levava à outra, acabei fazendo amizades dessa forma. A coisa chegou a um ponto que, algumas vezes, quando eu ia ao shopping da minha cidade, algumas pessoas perguntavam se eu era a Carla do fotolog, a ‘menina da volta ao mundo’ ou coisas do gênero. Alguns amigos da família comentavam com meus pais coisas como ‘ah, vi as fotos da Carla...’”.

Exemplo bem-acabado de “ator privado de sua arte” (Sennett, 1988), Carla incorporava nessa série de fotos – até hoje disponível para apreciação em seu perfil no Orkut – personagens que ilustravam a cultura de vários países: para falar do Japão, vestia a fantasia da gueixa; da Itália, encarnava o papel de matrona, e assim por diante. Tiradas no quarto da adolescente, essas fotos caricaturadas guardam aquela mesma frontalidade dos retratos dos camponeses do Béarn, mas se dão num registro evidentemente diferente. Elas não demonstram reverência com o fato de revelarem o rosto e o corpo de alguém para a posteridade. São imagens assumidamente amadoras, que, por conta de sua publicação na internet, tornaram Carla num eu aclamado no mundo *off-line*. O que instiga é que, nas centenas de fotos que se espalham nos outros álbuns (não temáticos) de seu Orkut, Carla também deixa transparecer a vontade de representar algum personagem. São diversas situações e poses que procuram exprimir alguém que, contudo, ela não parece saber muito bem *quem é*.

Contudo, Carla não está sozinha nessa busca. A artista Cindy Sherman, em séries de autorretratos que datam de fins da década de 1970 ao início da década de 1980, fez de sua própria imagem suporte para o debate de várias *personae*. Assumindo as figuras estereotipadas da mulher fatal, da menina ingênua do interior, da estrela de cinema fracassada ou da divorciada independente, Sherman operava uma dupla campanha reflexiva: por um lado, criticava o sistema de valores difundidos pela indústria cultural – ali demonstrados em cenas que pareciam de filmes “B” de Hollywood – e ressaltava de que maneira a imagem que construía de si não era uma produção da expectativa do outro. Mas, numa segunda leitura, a artista também questionava a significativa dose de prazer em assumir outras identidades por mero exercício provocativo.

Sherman poderia ter optado por simplesmente reproduzir em sua série de fotografias algumas das cenas que faziam parte de suas recordações afetivas, registros de sua relação com o cinema. Mas, ao optar por não colocar outra pessoa a representar aqueles papéis além de si mesma, sugeria que o reflexo de si para si era também produto daquelas referências imagéticas e comportamentais, questionando até que ponto ela era ou não as mulheres que representava, cuja relação com a câmera se dava num registro autobiográfico.



**Figuras 8, 9, 10 e 11:** Fotos da série *Film Stills* (1979 / 1977) de Cindy Sherman, coleção do Museum of Modern Art, Nova Iorque

“(...) a ilusão criada é tão eficaz que alguns críticos foram tentados a descrever suas recordações de filmes que não existiram, os quais teriam originado as fotos de cena. Alguns colocaram o trabalho de Sherman no contexto da mídia, comentando que seus *stills* demonstravam como a nossa noção contemporânea do ego é uma criação comercial, sujeita aos caprichos da indústria cinematográfica. Outras ainda assumiram uma postura mais desconstrutivista, vendo em seu trabalho uma representação do ego descentrado do mundo pós-moderno, uma criatura fictícia.” (Heartney, 2002; 58)

Com um pouco mais de refinamento na poética, Cindy Sherman propôs com seus *stills* a mesma pergunta que fez Carla se fantasiar de gueixa: *quem é eu?* Essa fixação que move tanto os caprichos da indústria cinematográfica como os conteúdos da Web 2.0 repercute a busca que fez da intimidade a chave da significação da vida no último século e meio.

Segundo Sennett (1988), a sociabilidade impessoal, baseada na reserva teatralizada – ou disfarce – do que cada indivíduo efetivamente *era*, começou a definir no século XIX para dar lugar a outro regime, no qual ser alguém *autêntico* tornou-se obrigatório para o reconhecimento interpessoal. O sociólogo acredita que as sociedades urbanas originadas logo após a consolidação do sistema capitalista – agrupadas em Londres e Paris, principalmente – primavam pelo cosmopolitismo e pela civilidade, apresentando uma geografia tão nítida a separar a vida pública da vida privada que cada indivíduo podia estipular um equilíbrio entre suas paixões: as que se destinavam a uma realização social, como o desempenho de seu trabalho e das causas públicas de que participava (grupos políticos ou mesmo clubes de pertencimento) e as que ocorriam em sua intimidade, estando relacionadas com a família e seus laços afetivos.

Essa forma de localização social podia existir porque a condição humana era então tida como algo que pertencia à ordem da natureza, vinculando o homem a uma dimensão mais ampla da existência. O caráter individual, assim, “não era criado pelas experiências, mas revelado por elas” (413). No século XIX, o eu deixaria de ser uma força misteriosa para se tornar o próprio cerne da vida social, apoiado na expansão da produção capitalista, que tem na liberdade singularizante do indivíduo – e não mais na igualdade universal do projeto iluminista – um valor central de sua doutrina. O secularismo decorrente dessa predisposição histórica também seria esteio para o prestígio assumido pela ciência no imaginário

ocidental e para o posterior aparecimento da sociedade do espetáculo: se, para certo estrato social, Deus – o criador invisível – não mais existia, era preciso que a existência passasse a ser crivada por tudo o que fosse possivelmente *visto*, verificado, consumado e consumido.

Esse é um movimento que, despertado no limiar do século XIX europeu, percorreu uma trajetória de contínuo fortalecimento, proporcionando a configuração de um tipo diferente de individualismo hoje, tempo no qual o espetáculo se atomizou e capilarizou por todo o tecido social. Alterado o objeto de crença do indivíduo quanto à sua condição existencial em nome da razão, da ciência ou mesmo da visibilidade midiática, deu-se a derrocada de muitas das cosmovisões que haviam sustentado o projeto moderno. Com isso, o eu surgiu como o personagem social que reclama uma verdade singular e uma medida de significação própria.

“Este é um eu para o qual os limites da significação se estendem somente até onde esse espelho puder refletir; à medida que o reflexo vacile e tenham início as relações impessoais, a significação deixa de existir. (...) Assim como a histeria fora mobilizada nas relações sociais por uma cultura que no século passado fora tomada por uma crise da vida pública e da vida privada, agora o narcisismo é que é mobilizado nas relações sociais por uma cultura despojada da crença no público e governada pelo sentimento intimista como uma medida de significação da realidade”. (Sennett; 1988, 396-397)

Publicado em 1979, cinco anos após o livro de Sennett, um livro de Christopher Lasch trouxe novo fôlego a essa discussão, justamente por destacar a ascensão de uma patologia como mal de época na clínica psicanalítica. *A Cultura do Narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio* tenta compreender o ambiente social americano do pós-guerra baseando-se na ressaca da ebulição política da década de 1960, na crise do modelo familiar patriarcal – para a qual a revolução sexual e o movimento feminista haviam conspirado –, e no surgimento de uma preocupação socialmente difundida em torno do autocrescimento psíquico: “entrar em contato com os sentimentos, comer alimentos saudáveis, tomar lições de dança clássica ou dança-do-ventre” (1983; 24). Lasch sugere o aparecimento de pequenas esferas autorreflexivas, eus socialmente apáticos porque *narcísicos*. Esse fenômeno seria tributário da sensação de descontinuidade histórica que começava então a ser insuflada como “um câncer social”, fazendo com que cada geração tentasse “viver para si, não

para os que virão a seguir ou para a posteridade” (*Ibid*, 25), experimentando seu tempo desobrigada do legado do passado e da responsabilidade com o futuro.

Embora suas teses se aproximem em diversos aspectos, como o dano que a apreensão do mundo a partir do reflexo do eu deflagrava, Lasch discorda de Sennett ao afirmar que a *personalidade* não foi um atributo historicamente constituído, mas que seria a própria reprodução da cultura de determinada sociedade no indivíduo. Com isso, advogava que o narcisismo parecia “realisticamente representar a melhor maneira de lutar em igualdade de condições com as tensões e ansiedades da vida moderna” (*Ibid*, 76) e deslocava a crise do indivíduo para a crise da cultura no pós-guerra, dissecando como ela se desdobrava em artimanhas psicológicas observadas no cotidiano. Lasch, assim, dissentia de Sennett quanto ao fato de que o narcisismo moderno adviesse da inflação da esfera privada, mas, ao contrário, acreditava que ele derivava da própria “devastação da vida pessoal” (*Ibid*, 50) num contexto em que, tendo a própria política se tornado *personalista* – mais ocupada com representantes do que com projetos – não se podia estabelecer claramente o que era público e o que era íntimo.

O historiador questiona a imbricação dessa cultura narcisista com uma sensibilidade midiática que, àquela altura, já chegava à maturidade na sociedade norteamericana. A representação dos eus realizada pelo cinema e pela publicidade, por exemplo, foi diagnosticada como um dos fatores que elevaram o narcisismo ao posto de “estratégia psíquica de massa” trinta anos atrás.

“De modo a polir e aperfeiçoar o papel que escolheu para si, o novo Narciso olha para seu próprio reflexo não tanto por admiração, mas por uma incessante procura de imperfeições, sinais de fadiga, decadência. A vida torna-se uma obra de arte, ao passo que ‘a primeira obra de arte de um artista’, de acordo com o pronunciamento de Norman Mailer, ‘é a modelagem de sua própria personalidade’. O segundo destes princípios tem sido adotado não só por aqueles que escrevem recados para si mesmos, para publicação, mas pelo artista comum nas ruas. (...) Hoje em dia, a publicidade encoraja tanto homens quanto mulheres a verem a criação do eu como a forma mais alta de criatividade” (Lasch, 1983; 123-124)

A categoria psicológica do narcisista – tanto em Lasch como em Sennett – não diz respeito à noção de alguém encantado com a própria imagem, mas, antes disso, de um indivíduo angustiado porque autoabsorvido: nele, o autoamor e o auto-ódio conjugam-se em violenta sintonia. O narcisismo seria um processo de entropia muito bem delineado pelo mito sobre o qual se origina – sem conseguir

definir o que é ele mesmo e o que não é, Narciso se afoga no lago em que contempla sua representação. Na forma de um distúrbio do amor-próprio, o narcisismo consiste num sentimento que não produz autossatisfação, mas um constante apagamento entre o que é o eu e o outro, a que corresponde a agonia pelo fato de nada de novo, nada de “outro” poder adentrar o eu. (Sennett, 1988; 395)

Ora, parece que se volta aqui àquela constatação sobre o esgotamento da mensagem do espelho de que falara Lejeune: nesse olhar que objetifica a si mesmo, o Narciso de hoje busca significação em sua imagem cada vez mais apurada, livre de brechas – e também de espontaneidade –, porque só existe apoiado na aprovação da audiência que ele mesmo não consegue reconhecer em sua alteridade. É uma construção do eu que estetiza o indivíduo para submetê-lo a escrutínio como uma obra de arte. Mas essa performance, que pode ser equivocadamente chamada de narcisista por representar um eu forte e seguro de si, é narcisista, em verdade, pelo exato contrário: ela indica uma concepção do eu avariada e autodestrutiva, cuja autonomia exprime a incapacidade de criar vínculos sem estabelecer competição com os outros e cuja autopercepção se confunde com a perspectiva do mundo, visto como espelho.

Nesse sentido, a exterioridade assume um valor inédito, fazendo-nos passar a nos reconhecer mais pelo reflexo, pelas fotos e estrelinhas do Orkut do que por uma noção transcendente do que venhamos a ser. Tem início a busca por um referencial identitário autocentrado, embora a autoestima do indivíduo esteja à mercê da validação dos outros, já que “ele não consegue viver sem uma audiência que o admire” (Lasch, 1983; 30). Diferente do sentimento de culpa e inadequação moral que difundira a histeria como uma patologia nos primórdios da psicanálise, é agora a ansiedade que leva os narcisistas ao divã em crise com sua própria representação:

“a sensação de segurança dada pelo espelho prova ser fugaz. Cada confronto com ele traz novos riscos. Andy Warhol confessa que é ‘ainda obcecado pela ideia de olhar no espelho e não ver nada, ninguém’” (*Ibid*; 126).

Convém retomar essas ideias elaboradas há três décadas para se ressaltar que a enigmática fronteira entre o que é público e o que é privado, bem como o frisson em torno do *quem sou eu* despertado pelas redes sociais e pela Web 2.0 hoje não são fatos históricos desprovidos de antecedência. *Pari passu* ao

incremento da produção compartilhada de conhecimento e à quebra do monopólio dos *media* na disseminação de informação, a CMC tem chamado atenção por proporcionar a democratização de outro sonho, bastante “íntimo”: ser reconhecido como alguém único.

Resgatando a citação de Castells (1999; 41), num período histórico “caracterizado pela ampla desestruturação das organizações, deslegitimação das instituições, enfraquecimento de importantes movimentos sociais e expressões culturais efêmeras”, cabe a cada um procurar seu nexos identitário a partir das referências que quiser – ou puder – avocar. Não por acaso, a internet tem revelado formas narrativas que garantem alguma sobrevivência social num mundo em que é preciso *exibir* para *existir*.

Este *eu* que, com medo de nada conseguir ver no espelho coloca-se em bom estado para outrem, ganha nas redes sociais a oportunidade de parecer – e ser – tudo o que quiser. Embora os perfis construídos nessas redes geralmente tendam a ser retratos mais ou menos fiéis de seus donos, já que a sociabilidade ali desencadeada se respalda em muitos laços reais, a possibilidade de formatar o próprio espelho digital é tomada pelos usuários como uma modelagem a cuja estetização é impossível resistir. Segundo Camila,

“na vida real, somos previsíveis, temos cacoetes, língua presa, nosso cabelo é estranho e não ficamos bem de qualquer ângulo. A gente tem olheira, toma ônibus lotado, comete gafes, pega resfriado, tem pânico de barata, é corcunda. No Orkut a gente se cria. Temos um poder de Deus de escolher nossas melhores partes, os momentos em que parecemos felizes, as fotos de viagem. A seleção que fazemos de nossas fotos é crucial, porque estamos editando o melhor de nós mesmos, e não mostrando também o final da festa. Até porque não faria sentido. O perfil do Orkut deve convidar, mostrar que somos tão bons ou melhores que os modelos de revista. A vida real toma conta de desmontar depois.”

O perfil do *Orkut*, então, deve dar ao usuário a chance de refletir só o que vale a pena. Parece até bastante razoável que esses jovens queiram colocar em suas vitrines biográficas o que lhes soa “convidativo” em sua própria personalidade: em tais redes, disponibilizam-se cartões de visita que denotam o *portfolio* de cada pessoa, a particularidade de sua vida, a janela que decidem abrir para seu mundo íntimo. Carla concorda que

“as pessoas só mostram o seu lado bom no Orkut. Dificilmente alguém posta aquela foto que foi tirada com os olhos fechados, com queixo duplo ou uma espinha na ponta do nariz. As meninas de família dificilmente entrarão na comunidade de sexo anal, por mais que gostem. Afinal, o que as pessoas irão pensar? Ninguém fala no seu perfil coisas como ‘sou preguiçoso, como muito e às vezes tenho inveja de quem se deu melhor do que eu’. O Orkut permite que

sejamos o que quisermos. Mais magros, mais bonitos, mais extrovertidos, mais interessantes. É uma máscara de saco de papel para os tímidos.”

Ainda que seja natural querer mostrar a melhor foto, o melhor ângulo, a melhor apresentação, já que todo ritual especular também serve como exame autocrítico, pode ser ressaltado da fala de ambas as usuárias o aspecto de invenção que a participação nessas plataformas acarreta. O Orkut permite que sejamos o que quisermos porque *parecemos* deuses da edição, podendo nos tornar tão bons ou melhores que os modelos de revista. Se, na era da visibilidade, parecer e ser postulam certa sinonímia, é bem possível que as identidades construídas nesses perfis, por mais maquinadas, também comunguem de alguma veracidade na constituição psíquica de seus eus-personagens.

Pioneira no estudo sobre o impacto do uso da internet no cotidiano, a psicóloga Sherry Turkle lançou mão no livro *Life on the screen: Identity in the age of the internet*, publicado em 1995, da noção de *cycling through* para definir o movimento através do qual os usuários assíduos da CMC punham-se em permanente comutação entre a experiência identitária dentro e fora da tela. Analisando espaços de interação antecessores das redes sociais, como as salas de bate-papo e os MUDs<sup>9</sup>, Turkle levantou a hipótese de que a comunicação pela internet abria um mundo de representação no qual o usuário, sentindo-se protegido pela mediação da tela, via-se convidado a explorar âmbitos latentes de sua identidade pessoal. Era como se o ciberespaço consistisse mesmo num mundo à parte do *off-line*, desencadeando relações interpessoais de códigos diferentes, mas de implicações tão evidentes como as que se davam na “vida real”. Na internet, dizia,

“as pessoas estão prontas para construir um eu comutando diversos eus. Ao ser entrevistada, uma designer de interiores admite, aflita, que não se acha em seu melhor estado porque está prestes a ter um encontro presencial com um homem com quem ela compartilhou meses de intimidade virtual em sessões de *chat* no (*site*) America Online. Ela diz estar ‘muito certa’ de que seu amante virtual é um homem (ao invés de uma mulher fingindo sê-lo) porque não acha que ‘ele’ proporia encontrá-la do contrário, mas ela se preocupa com o fato de que nenhum dos dois venha a estar à altura de seus desejáveis ‘ciberselves’: - Eu não menti exatamente para ele sobre nada específico, mas eu me sinto muito diferente *on-line*. Eu sou muito mais extrovertida, menos inibida. Eu diria que me sinto *mais eu mesmo*. Mas isso é uma contradição. Eu me sinto *mais parecida com aquilo que eu gostaria de ser*. Espero que neste encontro eu consiga encontrar alguma

<sup>9</sup> “MUD é um acrônimo para *Multi-User Dungeon*, ou *Dimension*, ou *Domain*. Trata-se de um jogo de computação do tipo *Role-Playing Game* (RPG) que roda em *Bulletin Board System* (BBS) ou em um servidor da internet.” (Leão, 2003; 443)

maneira de ser o que sou *on-line*.” (Turkle, 1995; 178-79) (tradução e grifos meus)<sup>10</sup>

Pelas suas respostas, Camila e Carla encontram no Orkut, plataforma que combina as realidades *on-line* e *off-line*, a chance de se sentirem mais parecidas com *aquilo que gostariam de ser* aos olhos de pessoas que, ainda que por laços fracos, estão ligadas a elas. Ao comutarem entre seus melhores eus, seus *cyberselves* não parecem tão desarticulados de sua própria noção de quem, afinal, elas poderiam vir a ser. Esses jovens usuários, tendo no site uma parada obrigatória de sua rotina diária, encontram nele uma saída bem propícia para afirmar um modo de existência particular, inventando a si mesmos de forma “mais bonita, mais magra, mais interessante” do que a percepção íntima imputa a seus eus.

Isso se explica porque, para sobreviver dentro de uma cultura que tem o narcisismo por regime psíquico, é preciso levar o eu ao exercício da estetização para fugir de seu próprio reflexo. A autoconsciência – sintoma de uma experiência cotidiana vivida como contínua representação – leva o narcisista à desaprovação de si mesmo: o amor pelo espelho e certas ilusões de onipotência que lhe acometem correspondem à tentativa de se defender, de maneira sempre insegura, de sua imagem insignificante. A comutação identitária observada nessas redes sociais, que demarca uma estilização diária do *quem sou eu* e que também se verifica em outras plataformas da Web 2.0 como blogs e fotologs, parece uma válvula de escape para o autoflagelo de estar tão preso a si mesmo, uma vez que o mundo, visto como um prolongamento do espelho, nunca é capaz de satisfazer.

“No passado, estas rápidas comutações entre diferentes identidades não eram experiências fáceis de acontecer. No começo do século XX, falávamos da identidade como algo ‘inventado’. A metáfora de uma solidez como a do ferro tomou valor nuclear para designar a identidade no âmago do indivíduo, ou aquilo que o sociólogo David Riesman chamou certa vez de *introdigido*. É claro que as

<sup>10</sup> Do original: “The internet is another element of the computer culture that has contributed to thinking about identity as multiplicity. On it, people are able to build a self by cycling through many selves. An interior designer nervously admits in my interview with her that she is not at her best because she is about to have a face-to-face meeting with a man with whom she has shared months of virtual intimacy in chat sessions on America Online. She says she is ‘pretty sure’ that her electronic lover is actually a man (rather than a woman pretending to be a man) because she does not think ‘he’ would have suggested meeting if it were otherwise, but she worries that neither of them will turn out to be close enough to their very desirable cyberselves:

- I didn’t exactly lie to him about anything specific, but I feel very different online. I am a lot more outgoing, less inhibited. I would say I feel more like myself. But that’s a contradiction. I feel more like who I wish I was. I’m just hoping that face-to-face I can find a way to spend some time being the online me.”

peessoas assumiam diferentes papéis e máscaras sociais, mas para a maior parte delas, o envolvimento ao longo da vida com suas famílias e comunidades mantinha esta comutação sob controle bastante preciso. Para alguns, este controle se desgastava, e havia papéis marginais através dos quais a comutação poderia ser um jeito de viver. Nas sociedades tribais, a comutação do xamã poderia envolver a posseção por deuses e espíritos. Na modernidade, havia os artistas do disfarce, os bigamos, o travesti, as personalidades desdobradas. Agora, em tempos pós-modernos, as identidades múltiplas não estão mais à margem das coisas. Muitas pessoas experimentam a identidade como um conjunto de papéis que podem ser misturados e combinados, cujas diversas demandas precisam ser negociadas. A internet tornou-se um significativo laboratório social para a experimentação com as construções e desconstruções do eu que caracteriza a vida pós-moderna. Nessa realidade virtual, nós nos modelamos e criamos a nós mesmos”.

(Turkle, 1995; 178-179) (tradução minha)<sup>11</sup>

Baseada na empiria de plataformas digitais anteriores à explosão da Web 2.0, Turkle chegava a tais conclusões por observar que os usuários de MUDs e salas de bate-papo frequentemente trocavam suas identidades na tela, optando por apresentar-se com nomes, ocupações e gêneros que não condiziam a seus reais atributos. Territórios nos quais a “mágica é real e a identidade é um fluido” (Rheingold, 2003) e onde se pode entrar e sair sem maiores comprometimentos pessoais, tais ambientes certamente diferenciam-se da sociabilidade produzida pelo Orkut, por exemplo, já que não fixam um indivíduo a uma mesma narrativa, a um mesmo perfil e a redes de contatos mais ou menos fortes.

Mas, ainda que a interação em MUDs e *chats* permita ao usuário *ser outro* com tamanha naturalidade, parece que algo do espírito desses espaços pode ser notado também nas redes sociais e sua vocação para estilizar o retrato de cada indivíduo. Exatamente porque, como ponderou Camila, no Orkut a gente se cria e corrige a língua presa, a olheira e as gafes com as quais a vida real insiste em desmontar o espetáculo encenado na tela do computador.

---

<sup>11</sup> Do original: “In the past, such rapid cycling through different identities was not an easy experience to come by. Earlier in this century we spoke of identity as ‘forged’. The metaphor of iron-like solidity captured the central value of a core identity, or what the sociologist David Riesman once called inner direction. Of course, people assumed different social roles and masks, but for most people, their lifelong involvement with families and communities kept such cycling through under fairly stringent control. For some, this control chafed, and there were roles on the margins where cycling through could be a way of life. In tribal societies, the shaman’s cycling through might involve possession by gods and spirits. In modern times, there was the con artist, the bigamist, the cross-gender impersonator, the ‘split personality’. Now, in postmodern times, multiple identities are no longer so much at the margin of things. Many people experience identity as a set of roles that can be mixed and matched, whose diverse demands need to be negotiated. The Internet has become a significant social laboratory for experimenting with the constructions and reconstructions of self that characterize postmodern life. In its virtual reality, we self-fashion and self-create.”

\*

Este capítulo defende a ideia de que a popularidade do *Orkut* junto aos jovens brasileiros pode significar o aparecimento de uma forma lúdica de representação, localização e observação social numa era de esperanças e grandes narrativas em declínio. Até aqui, foram ensaiadas justificativas para o fato de esses usuários terem se tornado tão interessados no *quem sou eu*. Viu-se que a adoção e o uso cotidiano dessas redes sociais integram certo contexto sócio-histórico no qual o reconhecimento identitário autorreferenciado tornou-se preocupação central para o indivíduo.

A dinâmica especular apresentada por tais plataformas tem servido à *localização* pessoal numa sociedade que, de acordo com um processo iniciado no século XIX, deixou de ser uma supercategoria encarregada de unir a experiência do indivíduo à tradição histórico-cultural. Ela passou a se mostrar um conjunto de pequenas esferas ou uma “coleção de personalidades” (Sennett, 1988; 193). Por outro lado, o Orkut simboliza também o nascimento de um novo modelo de identidade que se afina à linguagem da imagem eletrônica, estimulando narrativas mais performativas que introspectivas, que se distanciam dos padrões da modernidade ao estabelecerem a *representação* do eu a partir do valor da exterioridade.

Desde a teoria debordiana do espetáculo até as concepções de Lasch e Sennett sobre o narcisismo patológico na cultura americana da década de 1970, alegou-se até aqui que, no cenário contemporâneo, a validação do eu decorre do olhar do outro. E se muito foi dito sobre as cruces e gozos de um eu feito personagem de sua própria arte, é preciso que se pergunte quem é este outro do qual ele depende, mesmo sendo frequentemente incapaz de reconhecer como algo – ou alguém – diferente de um prolongamento de seu espelho.

Para analisar como o Orkut e outras experiências da Web 2.0 estipulam a alteridade em sua mecânica de funcionamento, serão a partir daqui descritas algumas ferramentas que propiciam aos usuários da CMC a *observação* do ciberespaço circundante, estimulando um comportamento vigilante e voyeurístico que complementa o *ethos* midiaticado enfocado pelo presente estudo. Três recursos que passaram a ser oferecidos pelo Orkut a seus usuários nos últimos anos e foram apresentados como aperfeiçoamentos do serviço parecem tramar

essa tendência: a relação de visitantes do perfil, a marcação de fotos e a lista de atualizações.

Em outras redes sociais, como é o caso do Facebook, o perfil de cada usuário só pode ser visualizado por seus amigos. O site disponibiliza para toda a rede apenas o nome e a foto que ilustra o dono do perfil, deixando a “revelação” de seus outros dados publicados acessível apenas às pessoas que o usuário aceite como seus amigos. Esta característica faz com que o Facebook, a mais popular rede social da internet (com cerca de 200 milhões de cadastrados em todo o mundo em 2009), seja considerado mais cuidadoso quanto à privacidade de seus usuários, já que seu perfil fica restrito a quem realmente se conhece. Isso não se aplica ao Orkut, site no qual, embora seja possível limitar a exibição de fotos, recados, depoimentos e algumas respostas que integram o perfil, a página que representa cada usuário é essencialmente pública, sendo possível a qualquer membro da rede social saber quais são as comunidades de que alguém participa, os amigos aos quais está relacionado e quem são seus “fãs”.

Esse dado ajuda a entender o que tanto atrai os usuários em sua navegação no Orkut: a diversão proposta pelo site tem a ver com a possibilidade de saber mais da vida de outras pessoas de forma silenciosa e protegida. Num tempo em que a intimidade de “gente comum” chegou ao cinema e à televisão – como provam o sucesso dos documentários do cineasta Eduardo Coutinho e a audiência dos *reality shows* –, fica fácil imaginar que as redes sociais se inspiram na mesma atenção que se destina ao cenário particular de cada um.

Ainda que venham sendo incorporados ao Orkut recursos que dão ao usuário a chance de escolher o que e para quem exibir, os perfis ali presentes continuam sendo públicos. Colocados de forma horizontal, não hierárquica e livre de direcionamento prévio, eles são acessados de acordo com o interesse que despertam nos usuários. Apelando para uma alegoria fácil, é como se fossem erguidos por paredes de vidro, permitindo que se olhe o que acontece “lá dentro”: “acompanho tudo hoje e sempre, me divirto vendo o que as pessoas estão fazendo”, diz Patrícia.

Os membros do Orkut desfrutaram de uma condição de observação privilegiada até 2006, quando seu anonimato começou a ser reproposto. A exemplo do que outras redes sociais vinham desenvolvendo, o site lançou uma ferramenta que passava a informar diariamente ao usuário quem visitava seu

perfil. Essa lista, que entregava cinco e depois passou a revelar os dez últimos visitantes que cada página recebia<sup>12</sup>, é exibida logo após a conexão ao site e é apresentada junto a um contador, que informa também o número total de visitas angariadas por aquele perfil desde a invenção do recurso, tornando-se outro meio de aferição da popularidade pessoal no Orkut.

A revelação de “quem visitava quem” levantou alguma polêmica logo que foi lançada porque a navegação anônima era tida por muitos usuários como uma das principais características do jogo. O Orkut respondeu aos descontentes informando que seu uso era opcional: cabia a cada um ativá-lo ou desativá-lo. Contudo, obedecendo ao princípio da reciprocidade, aqueles que queriam visitar outros perfis de forma anônima não teriam como saber quem havia entrado em seu perfil. A brincadeira começava então a tomar outra forma.

Ricardo fala que gosta de “acompanhar a atualização de fotos nos álbuns dos amigos. Sou um pouco curioso também e gosto de saber quem passou pelo meu perfil. Mas apenas curiosidade”. Essa singela curiosidade foi o que levou muitos usuários a adotarem o novo recurso, mostrando como na relação com o site se coloca uma sensibilidade em contínua elaboração. É possível participar da rede sem este recurso; mas como, a partir de sua criação, abrir mão de saber quem achou o *portfolio* interessante e resolveu fazer uma visita? Segundo Patrícia,

“quero que as pessoas saibam que eu as visitei, assim como quero saber quem entrou no meu perfil. Tem muita gente estranha que eu nunca vi na vida e não tenho nenhuma conexão. Também tem amigos que entram sempre e é óbvio que todas as pessoas que eu entro e também deixam esse recurso ligado. Eu sinceramente gosto desse recurso um pouco mais controlador”.

O recurso que aponta os visitantes do perfil mostra o que já foi exposto em seções anteriores: sendo formadas por pessoas e desejos subordinados à essencial mediação da tecnologia, essas redes sociais possuem a capacidade de reinventar seus usos, bem como de transformar em novas ferramentas o que se esboça no comportamento dos usuários, desencadeando modos de utilização específicos e

---

<sup>12</sup> “Se você não estiver ocupado verificando os recados, há chances de que esteja verificando quem visitou o seu perfil recentemente. Afinal de contas, você não está curioso para saber quem está interessado em você, vendo as suas fotos e acompanhando o que está acontecendo em sua vida? Mesmo que eles não deixem um recado, você sabe que eles se importam. Na verdade, aumentar o número de visitantes recentes listados tem sido uma solicitação muito popular, assim, a partir de hoje você verá os 10 visitantes de perfil mais recentes em vez de cinco.” Postagem de Anna Hentzel, engenheira de software do Google, no *blog* oficial do Orkut. Disponível em <http://blog.orkut.com/2007/11/agora-voc-v-10-visitantes-de-perfis.html>. Acesso em 5 de julho de 2009.

assim sucessivamente. Camila dá alguns exemplos de como esses jovens usufruem desse instrumental:

“não dá mais para fuxicar à vontade todos os seus amigos, a não ser que você desative o recurso de mostrar quem visitou o seu perfil e quem você anda visitando. Mas tem como tirar proveito disso. Agora você visita intencionalmente. São os tempos modernos: a gente flerta por Orkut, um antro de solteiros. Isso de aparecer quem te visitou recentemente dá muito pano pra manga. Você visita de volta e, se acha que a pessoa parece interessante, continua visitando até o famoso recadinho que diz ‘o que você está olhando?’. Tenho um amigo carioca que ‘flertou’ com o perfil de uma argentina e, na troca de recadinhos, ela veio para cá e eles namoraram durante um ano.”

Outro recurso recentemente implementado pelo Orkut que manifesta a inclinação ao controle é a marcação de fotos. O site passou a oferecer em 2008 a possibilidade de os usuários serem encontrados a partir de *links* para seus perfis inseridos em imagens suas distribuídas pela rede. Se Ricardo, por exemplo, possui em seu próprio álbum no site uma foto de sua turma do colégio e quiser identificar quem aparece na imagem, pode adicionar uma marcação que ficará em destaque a cada vez que a imagem for exibida. Após essa seleção, o site solicita que indique, dentre sua lista de amigos, quem aquela pessoa é, inserindo o endereço do perfil do usuário sobre sua imagem. Supondo-se que Ricardo exiba em seu Orkut uma foto na qual aparece sua antiga colega de turma Patrícia, ele poderá marcá-la e indicar aos visitantes do perfil o direcionamento para a página da amiga. Se, ao invés disso, Patrícia encontrar a foto em que está presente publicada no Orkut de Ricardo, também pode marcar sua imagem e indicar o caminho para o seu perfil. E se Marcelo, que não tem nada a ver com essa história, mas é amigo de Ricardo e de Patrícia, quiser marcar um ou outro em seus respectivos álbuns, também poderá fazê-lo.

Em julho de 2009, o site inovou novamente lançando mais um recurso, que mapeia as fotografias postadas pelos usuários e automaticamente marca os rostos das pessoas que nela aparecem. A ferramenta distingue traços como olhos e boca, inserindo sobre cada rosto uma caixa de identificação. Contudo – *ao menos por enquanto* – o sistema ainda não distingue *quem é* aquela pessoa: ele solicita aos usuários (qualquer amigo que visite aquele álbum) que atribuam nome e endereço do perfil do dono daquele rosto, escolhendo entre os outros membros que fazem parte de seus contatos na rede.



**Figura 12:** Exemplo dado pelo Orkut em seu blog oficial sobre o funcionamento da marcação automática de rostos, recurso implementado pelo site em julho de 2009.

“Para acelerar o processo de marcação, lançamos um recurso de detecção de rostos em todas as fotos novas enviadas ao Orkut. Com ele, o Orkut agora consegue detectar automaticamente quando os rostos aparecem nas fotos (reconhecendo características como olhos, narizes, bocas, etc.), mas sem realmente identificar indivíduos específicos. Facilitamos ainda mais o processo de marcação adicionando um recurso de preenchimento automático que sugere os nomes da lista de seus amigos para as pessoas que você marcou. Basta começar a digitar o nome do seu amigo e o preenchimento automático cuidará do resto.”<sup>13</sup>

Esses recursos estão autorizados entre redes de amigos, ou seja, não é permitido marcar usuários com quem não se tenha conexão alguma, além de se apresentarem como mais exemplos de “tecnologias opcionais” do Orkut. Caso o usuário não queira ser pego em qualquer flagrante, pode desabilitar o recurso em suas configurações no site. Entretanto, o dado mais intrigante dessa ferramenta de marcação de fotos é a disposição social que a origina e faz com que a imagem de alguém seja vista, consentidamente, como um bem de uso público.

É bem possível que daqui a um tempo os rostos passem a ser totalmente identificados pelo sistema do Orkut, dispensando que o site requeira –

<sup>13</sup> Postagem de Anand Pillai, engenheiro de *software* do Orkut, no blog oficial da rede. Disponível em <http://blog.orkut.com/2009/07/deteccao-de-rostos-nos-albuns-de-fotos.html#links>. Acesso em 16 de julho de 2009.

delicadamente como o faz agora – que os usuários digam quem os outros são. Se as fotos que representam um indivíduo já foram guardadas em caixas a que só os familiares tinham acesso, como naquela aldeia pesquisada por Bourdieu (2006), elas assumiram para essas novas gerações outra conotação, conciliando um jogo irreverente de socialização e um discutível senso de propriedade sobre a imagem. Parece que, confirmando o que foi discutido até aqui, essas imagens passaram a significar por si mesmas, indicando a ruína da oposição entre o dentro-de-si e o fora-de-si que baseava as noções modernas de identidade e alteridade. Talvez de forma constrangedoramente pragmática, o Orkut tenha mesmo algo a dizer sobre a construção desse novo indivíduo, cuja boca, nariz e olhos são digitalmente mapeados e apresentados ao exame da audiência que o admira.

O terceiro elemento a ser notado na predisposição do Orkut ao monitoramento são as atualizações dos usuários. Há dois anos, o site incluiu mais uma ferramenta que ganhou destaque na página inicial de cada pessoa cadastrada: uma lista que apresenta, por ordem cronológica, as novidades que movimentam os perfis dos seus amigos. Sucintamente, trata-se de um mecanismo que rastreia o comportamento dos usuários no site e o divulga a seus amigos. Se habilitado, este recurso passa a agir de forma recíproca: o usuário é informado do que ocorre no perfil dos seus amigos e esses últimos recebem notícias do que anda acontecendo em sua página no site.

Assim, Ricardo, sendo hipoteticamente amigo de Patrícia e Camila e tendo eles ativado a ferramenta de atualização, toda vez que se conectar ao site saberá se elas fizeram qualquer alteração em seu perfil (como, por exemplo, se mudaram o *quem sou eu*, a descrição de como se sentem no momento ou seu status de relacionamento), se receberam novos depoimentos de qualquer de seus contatos, se adicionaram novas fotos ou vídeos em suas páginas, se as fotos ou vídeos que exibem receberam comentários de seus amigos, se ingressaram em alguma nova comunidade e de quem Patrícia e Camila tornaram-se amigas recentemente. Da mesma forma, elas serão informadas dessas novidades a respeito do perfil de Ricardo. Cabe assinalar que os usuários recebem notificações de qualquer alteração nesses aspectos, ainda que o autor do comentário/depoimento ou o novo “amigo do amigo” não seja um contato seu.



**Figura 13:** Exemplo da lista que exibe as atualizações ocorridas no perfil dos amigos do usuário, por ordem cronológica de entrada no Orkut.

É interessante também perceber que a exibição da lista de atualizações dos amigos, aberta na página inicial do usuário, é ladeada por uma aba que disponibiliza as “minhas atualizações” – como pode ser visto na figura acima. Nela se enfileiram as notícias a respeito do próprio dono do perfil, indicando o que foi recentemente compartilhado com seus amigos. Com efeito, dentro desse site, cujo atrativo é o que movimenta a vida de gente comum, é possível imaginar que a exibição das frequentes atualizações dos amigos, comparada a uma lista sem novas informações do próprio usuário, acarrete algum sentimento de dívida. Afinal, também no espetáculo do Orkut o que não é visto não existe, e se nenhum *emoticon* foi inserido, nenhuma nova foto foi exposta, nenhum novo amigo foi adicionado, é bem provável que nada de relevante tenha acontecido na *vida* daquele indivíduo.

A lista de atualizações é apresentada pelo site como mais uma tentativa de tornar as pessoas próximas e estimular que compartilhem descobertas e experiências. Carla é uma das que concordam com esse potencial:

“Acompanho sempre as atualizações dos álbuns e perfis dos amigos e parentes mais queridos. Sempre vejo as fotos que meus primos do interior colocam, os depoimentos que meus amigos recebem dos namorados, essas coisas. É divertido! É uma maneira que já foi incorporada ao que eu considero ‘natural’ de saber o que se passa na vida dos que amo, sem precisar gastar contas de telefone ou passar horas escrevendo cartas, e muito mais eficaz: posso manter contato com mais gente ao mesmo tempo.”

Parece mesmo muito eficaz o uso dessa ferramenta para dividir com os amigos ou a família as fotos da festa de aniversário, uma comunidade sobre um assunto de utilidade comum ou a maneira como estamos sendo bem-amados, comprovada pelos depoimentos que recebemos no perfil. Como diz Carla, são formas de sociabilidade que já se tornam naturais para essa geração, dispensando o custo – e parte do sentido – das chamadas telefônicas ou da arcaica correspondência epistolar. Contudo, exatamente por esta multiplicidade e simultaneidade de comunicação (“posso manter contato com mais gente ao mesmo tempo”), esse frenesi de compartilhamento de conteúdos, imagens e afetos dá pistas da perda da singularidade de cada interlocutor, predispondo os usuários assíduos dessas redes a um “comportamento de vitrine”, necessariamente exibicionista e voyeurístico.

Num estudo sobre o Facebook, rede especialmente disseminada nos *campi* universitários dos EUA, Bumgarner (2007) constata que o uso do site estimula nos estudantes a vontade de possuírem mais informações sobre os outros. Já que os usuários geralmente se conhecem no mundo *off-line* por pertencerem à mesma instituição de ensino, a exibição de suas particularidades faz com que a fofoca baseada no que revelam *on-line* se torne um importante aspecto de socialização.

“Os cadastrados no Facebook usam e falam do site com seus amigos. Vêm as fotos uns dos outros, lêem seus perfis e comentam entre si a respeito. Eles usam a rede para mostrar a seus amigos quem alguém é. O site funciona essencialmente como uma ferramenta facilitadora da fofoca. (...) Tanto o voyeurismo quanto o exibicionismo são motivações para o uso do Facebook. Há dois fatores que contribuem para isso e que têm a ver com a vontade de estar conectado a outras pessoas e receber a aprovação delas, indicando que aqueles que se entregam a um comportamento exibicionista o fazem, provavelmente, como uma forma de serem aceitos, no Facebook e em outros espaços. O uso voyeurístico do site é bem mais comum. A recompensa para este uso é exatamente o que parece: ler informações

peçoais, examinar fotos, ver quem é amigo de quem, saber dos recados trocados etc.” (tradução minha)<sup>14</sup>

Ainda que se possa pensar as dinâmicas do Facebook e do Orkut como sendo diferentes – uma vez que o sucesso deste último não se ateve apenas às comunidades georreferenciadas de que participam seus usuários –, o depoimento de Carla sobre o uso que faz do site para trocar informações com seus familiares e amigos permite uma aproximação coerente: em ambas as redes, o que importa é o quanto se está atualizado sobre aquilo que cada um, ao *exibir*, acaba *sendo*. Os dados que as pessoas inserem, bem como os rastros de suas relações com outros usuários dentro do site, são elementos que passam a construir uma narrativa de quem sejam, destinada à leitura dos outros membros da rede. Ferramentas como a lista de atualizações dos perfis fazem, nesse contexto, bastante sentido: por meio dela, abre-se um painel de observação que tem por objeto o que se passa na vida dos outros. Por outro lado, quanto mais atualizações alguém realiza em seu próprio perfil, mais fácil fica garantir visibilidade e evidência junto a seus amigos. Cria-se, portanto, uma zona mista entre as dimensões *on-line* e *off-line*, incentivando o sincronismo entre a experiência vivida e sua transformação num relato a ser compartilhado: *emoticons*, fotos e comentários servem de instrumento para rapidamente descrever – e analisar – o que cada um é, como está, o que fez ou o que está a fazer.

Nota-se que as narrativas de identidade despertadas por esses sites estão afinadas com aquilo que Benjamin (1994) vira como o próprio algoz da arte narrativa: a *informação*, esse pequeno saber que “só existe enquanto é novo”. Ela, que se tornou o núcleo da comunicação midiática instaurada no início do século passado, fez do cotidiano uma medida de legitimação da vida nos centros urbanos. A informação disseminada pelos *media* substituiu o espaço ocupado pelas narrativas que “vinham do longe temporal contido na tradição” e “dispunham de

<sup>14</sup> Do original: “Typical Facebook users use and talk about Facebook with their friends. They look at people’s photos, read their profiles with their friends and talk about them. They use Facebook to show their friends who someone else is. Essentially, Facebook operates primarily as a tool for the facilitation of gossip. (...) Both voyeurism and exhibitionism were revealed as motivations for using Facebook. There are a couple of items loading on this component that have to do with a motivation to be accepted by and connected to others, indicating that those who engage in exhibitionistic behavior may be doing so as a means for acceptance, both on Facebook and in other venues. Voyeuristic use of Facebook, on the other hand, is far more commonplace. The gratification of this motivation is exactly as would be expected: reading personal information, looking through photos, seeing who someone’s friends are, reading walls, etc.”

uma autoridade válida” nos processos de espelhamento da realidade social. Revelou-se então como meio de traduzir o mundo a partir dos fatos do presente, tempo que passou a valer mais do que as lições do passado ou do que as promessas de futuro.

Não é de se estranhar que ela mesma, a informação, esteja na base das performances identitárias e da sociabilidade engendradas nestes novos cenários, dos quais as redes sociais participam enfaticamente. Em concordância com uma predisposição histórica da qual é tanto efeito como instrumento, a informação assumiu a função de continuamente atualizar a memória – coletiva e individual – a respeito do que está acontecendo agora, esse pedaço de tempo tão veloz que nada deixa ser novo.

O acesso a dados, registros, imagens passa então a compor um álbum de recortes, narrativa fragmentária e episódica que conta *quem sou eu e quem são os outros* hoje. Aquele equilíbrio narrativo que fazia com que cada um pudesse parar em pé parece aos poucos dar lugar ao paradigma do homem-informação, sobre o qual atuam novas forças de gravidade – “o protagonista das trocas comunicacionais é esse corpo novo, virtualizado, capaz de extrapolar seus antigos confinamentos espaciais: esse organismo conectado e estendido pelas redes teleinformáticas”. (Sibilia, 2002; 57)

\*

“Diz-se que as verdadeiras amizades duram para sempre, mas no caso das redes sociais esse sentimento assume um sentido completamente diferente. As pistas digitais de uma amizade *on-line* – verdadeira ou não – realmente duram para sempre, pois estão armazenadas em definitivo nos servidores. Ademais, a documentação do que compõe uma amizade torna-se facilmente acessível por conta da natureza digital e transmissível das informações. Deste modo, o ciberespaço muda as práticas e relações sociais no que concerne à sua temporalidade, organização e audiência.” (Albrechtslund, 2008) (tradução minha)<sup>15</sup>

Na subseção anterior, foram vistos três elementos que indicam a propensão à vigilância no Orkut: a relação de visitantes do perfil, a marcação de fotos e a

---

<sup>15</sup> Do original: “It is said that true friendships last forever, however, in the case of online social networking this sentiment gets a completely different meaning. The digital trails of an online friendship – true or not – really do last forever, since they are stored indefinitely on servers. Moreover, the documentation of friendships becomes easily accessible because of the digital, portable nature of the information. Thus, cyberspace changes social relations and practices concerning temporality, organization and audience.”

lista de atualizações. Como já discutido, esses recursos aparentemente ingênuos que vão sendo implementados pelo site e acolhidos por seus usuários conformam modos de sentir e observar os outros membros da rede. Na qualidade de facilitadores da experiência de socialização proposta pelo Orkut, eles inspiram aquele comportamento baseado nas artimanhas do ver e ser visto.

Este ensaio também já abordou longamente a noção de que os registros que compõem a existência *on-line* de cada usuário são suas marcas identitárias nessas redes sociais. Juntos, eles conferem uma legitimidade de sua história em tais ambientes e atuam como um pequeno patrimônio compartilhado. A aventura biográfica aqui fomentada se baseia em informação: fotos, vídeos, comentários são os artefatos digitais que participam desses relatos autorreferentes, não estando sob a posse de seus personagens, mas confiados aos servidores centrais do Orkut. As narrativas de identidade, que já foram guardadas em diários secretos, caixas e gavetas num passado nem tão distante, encontram nesse cenário uma mudança no estatuto da propriedade que as vincula a seus eus-personagens.

Dentro do espírito de participação que marca as plataformas da Web 2.0, uma insólita iniciativa lançada na internet brasileira nos últimos anos atesta alguns dos cenários insinuados até aqui. Ela é capaz de ilustrar valores que, aliados à democratização do conhecimento e ao compartilhamento da experiência do saber, também têm sido disseminados no contexto da comunicação distribuída. No terceiro capítulo, comentou-se que a troca de mensagens entre os usuários é uma das principais formas de interação no Orkut e que as mensagens privadas, disponíveis para leitura apenas do destinatário, não foram bem assimiladas pelos usuários brasileiros. Assim, o meio mais comum para correspondência tornou-se o *livro de recados*, uma seção dos perfis em que vão sendo acumuladas e expostas por ordem cronológica as mensagens recebidas. Inicialmente aberto para visitação de qualquer membro do site, o livro de recados ganhou um recurso de privacidade em 2007, permitindo que o dono do perfil definisse quem poderia acessá-lo, se toda a rede social, se apenas seus amigos ou se também os amigos dos seus amigos. Antes do lançamento dessa ferramenta, muitos usuários protegiam sua intimidade de outras formas, como apagando os recados recebidos logo após a sua leitura ou então adotando uma estratégia original: enviavam mensagens uns para os outros através da seção de depoimentos, textos que só passam a integrar o perfil após a aprovação do usuário. Quando o assunto era confidencial, poderia ser

dividido por depoimento e depois excluído, sem deixar rastros para o “público” da rede social.

Dito isso, é relevante que se note que muitos usuários do Orkut também não aderiram ao recurso de privacidade de mensagens. Esse fato pode ser certamente explicado pelo fato de entrarem pouco no site, de não conhecerem a ferramenta ou de não dividirem assuntos íntimos nesses espaços. Entretanto, tendo por base tudo o que foi analisado até aqui, pode-se arriscar a hipótese de que, para bom número desses jovens que diariamente acessam o Orkut, o livro de recados seja outro elemento a conferir visibilidade às narrativas de identidade.

Mesmo na pequena amostra de usuários entrevistados para este trabalho não há consenso quanto à necessidade de proteger ou não os livros de recados: Camila diz que acha “bobagem porque o sentido do Orkut não é nobre mesmo”. Marcelo não habilita a ferramenta porque “nunca falou de temas privados no livro de recados”. Mariana alega o mesmo motivo para manter sua página aberta, mostrando um pouco de frustração por não lhe parecer “que alguém tenha motivos para ler o que se passa”. Ricardo pensa que “a troca de informações mais íntimas deve ser por depoimento”. Carla conta que já sentiu sua privacidade invadida quando “a namorada de um ex vivia entrando no meu Orkut para saber o que eu estava fazendo, cheguei a apagar todos os meus recados naquela época. Da mesma forma, várias pessoas entravam e sabiam o que eu conversava com meus amigos”.

Esta apropriação do uso do espaço digital poderia até parecer um fato de menor importância não fosse sua relação com a ascensão da *vigilância participativa* ou, como define Fernanda Bruno (2009), *vigilância distribuída*:

“uma vigilância que tende a se tornar ubíqua e incorporada a diversos dispositivos, serviços e ambientes que usamos cotidianamente, mas que se exerce de modo descentralizado, não hierárquico e com uma diversidade de propósitos, funções e significações nos mais diferentes setores: nas medidas de segurança e circulação de pessoas, informações e bens, nas estratégias de consumo e marketing, nas formas de comunicação, entretenimento e sociabilidade, na prestação de serviços etc. Daí deriva uma multiplicidade de objetos atuais ou potenciais da vigilância, que não mais se restringem nem se justificam por grupos suspeitos ou supostamente perigosos, mas que podem ser todos e qualquer um – consumidores, transeuntes, internautas, criminosos, participantes de *reality shows* etc. (...) Não são menos diversos os afetos e as significações subjetivas e sociais que a vigilância hoje mobiliza: se por um lado ela se justifica ou se exerce pelo medo e promessa de segurança e proteção, ela também proporciona diversão, prazer, sociabilidade, como mostram cotidianamente os *reality shows*, os sites de compartilhamento de imagem, os micro-blogs, as redes sociais etc.”

É possível pensar que essa vigilância distribuída no cenário das redes sociais se confunda com certo voyeurismo, visando a recompensas como diversão, prazer e sociabilidade, mas também com vistas a uma curiosa administração de afetos.

Tal é o peso que o Orkut alcançou como expediente de socialização no Brasil que pode dar espaço à criação de *O Curioso*<sup>16</sup>, um site com milhares de pessoas cadastradas e que oferece o monitoramento anônimo e “invisível” dos livros de recados de usuários do Orkut. Trata-se de um serviço gratuito no qual, a partir de um cadastramento básico de dados, é possível inscrever até sete perfis do Orkut para serem “perseguidos”. A partir de então, cópias de todas as mensagens recebidas no livro de recados dos usuários vigiados serão entregues ao “curioso”, mesmo aquelas que forem posteriormente apagadas pelos destinatários originais.

“Acompanhe os recados de quem você gosta. Use o *Curioso*. *O Curioso* copia, de hora em hora, os recados de quem você escolhe, e mostra quais são os recados que você ainda não leu. A pessoa vai saber que estou lendo seus recados no *Curioso*? De jeito nenhum, já que o *Curioso* usa perfis próprios para ler os recados.”<sup>17</sup>

O site, no ar desde julho de 2006, angaria, três anos depois, cerca de 925 mil usuários cadastrados, dos quais 125 mil são considerados ativos, ou seja, fizeram ao menos uma visita ao site no mês de maio de 2009. Desse universo, 63% são mulheres, 37% são homens. A faixa etária fica em 70% de cadastrados até 24 anos e 18% de 24 até 34 anos. Os dados são fornecidos pelo próprio criador do site, o jovem analista de sistemas Eduardo Rocha, que explica o funcionamento do *Curioso*:

“De hora em hora, os servidores do *Curioso* varrem a página de recados de todos os adicionados dos usuários. O *Curioso* interpreta a página do *Orkut* e verifica a hora dos recados exibidos na página naquele momento. Se houver algum recado mais recente que o último gravado, o *Curioso* armazena aquele recado e atualiza o status de que o adicionado possui um recado novo”<sup>18</sup>.

Tecnicamente, o *Curioso* funciona como um *crawler*, sistema automático de busca que percorre determinados endereços da internet atrás de novos conteúdos postados. Sua lógica é semelhante à das ferramentas de pesquisa, que utilizam um ou mais servidores para realizar metodicamente a varredura de dados e armazenar os resultados.

<sup>16</sup> Disponível em <http://www.ocurioso.com>

<sup>17</sup> Disponível em <http://www.ocurioso.com/start/about>. Acesso em 29 de setembro de 2008

<sup>18</sup> Entrevista concedida por e-mail. Mensagem recebida por: <psleandro@gmail.com>. Em anexo.

O *Curioso* é um site independente do Orkut: para utilizá-lo, não é preciso fornecer informações de sua conta na rede social. O importante é que o interessado indique o endereço dos perfis do Orkut que deseja vigiar, cujas mensagens recebidas no livro de recados passarão a figurar na “plataforma de controle” do usuário do *Curioso*. Tudo em nome da comodidade e da economia do tempo na vigilância pessoal: segundo os termos da política de privacidade do serviço, “o principal aspecto do *Curioso* é o sigilo que você tem ao observar as informações do perfil de outras pessoas”<sup>19</sup>.

**Figura 14:** Página inicial do site *O Curioso*

“Os paranóicos da internet sabem quanto trabalho dá monitorar pessoas no site de relacionamentos Orkut - nessa atividade de espionagem é necessário digitar *login*, senha, fazer uma busca pelo ‘alvo’ e checar se a pessoa recebeu alguma mensagem recentemente. Para diminuir a mão-de-obra dessa atividade nada nobre, surgiu o site *O Curioso*, que entrega de bandeja todas as informações da pessoa vigiada.”<sup>20</sup>

A vigilância a que os servidores do *Curioso* se prontificam não se enquadra como crime, já que está baseada somente em dados públicos. Como exposto anteriormente, cabe ao dono do perfil no Orkut configurar sua própria política de privacidade e decidir se apenas amigos terão acesso aos recados que

<sup>19</sup> Disponível em <http://www.ocurioso.com/start/terms>. Acesso em 29 de setembro de 2008.

<sup>20</sup> Site *O Curioso dá força à espionagem virtual*, matéria do portal G1, publicada em 23 de maio de 2007. Disponível em <http://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,MUL40532-6174,00.html>. Acesso em 29 de setembro de 2008.

recebe ou se qualquer usuário da rede social poderá fazê-lo. Eduardo, criador do site, explica que o auge da sua popularidade aconteceu no fim de 2007, e que o número de usuários dois anos depois caiu pela metade, mesmo que isso ainda represente uma quantidade considerável de pessoas. Mas essa queda, sem dúvida, deriva da adoção do bloqueio do livro de recados para leitura de qualquer usuário do Orkut – antes desse recurso ser lançado, o *crawler* do *Curioso* se conectava à rede social e realizava a leitura de qualquer perfil. Com o “trancamento” de muitos dos livros, a espionagem foi intimidada.

Entretanto, um desenvolvimento na ferramenta do *Curioso* fez novamente os usuários se interessarem pelo serviço. Embora não seja mais possível vigiar os recados de qualquer usuário que tenha ativado o recurso de privacidade em seu Orkut, o site continua a poder monitorar tanto os livros abertos como também todas as mensagens recebidas por membros que sejam amigos do curioso na rede social. Eduardo conta que, para isso, o site solicita que o usuário informe seu *login* e senha no Orkut e, gerando um *cookie*<sup>21</sup> no servidor, passa a fazer a vasculha de recados, de hora em hora, conectando-se à rede social pela sua própria conta. Noutras palavras, é como se o usuário estivesse ele mesmo entrando no Orkut e verificando, página a página de seus amigos, quem recebeu uma mensagem nova. O destinatário pode até vir a apagar o recado recebido no Orkut, mas caso não o faça no curto intervalo de tempo em que *O Curioso* vasculha sua página, uma cópia de sua mensagem poderá ser lida por outra pessoa, sem que ele jamais desconfie disso.

É certo que modos privativos de correspondência continuam existindo dentro do Orkut, como também é claro que a medida da exposição conta com a anuência – ou inadvertência – dos próprios usuários. Dentre os tantos brasileiros que participam desses jogos, é possível que apenas uma minoria comungue desse consumo predatório de informações sobre a vida dos outros. Contudo, a simples existência de um serviço como o oferecido pelo *Curioso* denota a pertinência do ideário da vigilância como componente dos processos comunicacionais da Web 2.0. Como diz Eduardo,

---

<sup>21</sup> *Cookies* são arquivos que ficam alojados em pastas temporárias dos discos rígidos e que contêm informações sobre os sites acessados pelo navegador de internet. Essas informações auxiliam no resgate de sessões já encerradas, facilitando, por exemplo, o preenchimento de senhas e nomes de usuário.

“as redes sociais são importantes por isso: é o seu lugar na Web, as pessoas podem te achar, você pode falar de si, colocar suas fotos, ver as fotos dos outros, ver quem conhecem e tudo isso uma rede social te permite.”

Numa pesquisa aleatória no Orkut, observam-se facilmente as razões que inspiram a criação e a aceitação social de um site como *O Curioso*. Uma usuária identificada como *Sou + eu azar de quem me perdeu* responde assim à pergunta *quem sou eu* do Orkut:

“Vc anda? Eu desfilo... Vc sonha? Eu realizo... Vc tenta? Eu consigo... Vc quer? Eu tenho... Vc joga? Eu ganho... Tu briga? Eu detono... Tu eh pop? Eu sô star... Tu dança? Eu arraso... Sinto muito, GAME OVER pra VC!!!”<sup>22</sup>.

Nas respostas disponíveis em seu perfil, a jovem revela ter 21 anos e ser moradora de São Luiz, capital do Maranhão, além de gostar de cozinhar, se sentir atraída por “inteligência” e ter aprendido com os relacionamentos anteriores “que quem mente não vale nada”. Seus álbuns no Orkut contam com 325 fotos, que ilustram situações entre amigos e parentes, seus ídolos na música, mas preferencialmente autorretratos, nos quais encara a câmera com trejeitos de celebridade. A lista de amigos computa 328 pessoas e o livro de recados apresenta 1.449 mensagens postadas, como esta, do dia 13 de junho de 2009, legível para qualquer usuário que entre no seu perfil: “Gabby não sei nem como te dizer + vc vai saber do mesmo jeito, estou ficando com Fá... vc deve saber quem estou falando, aparece pra conversarmos. bjs”<sup>23</sup>.

Esta inesgotável transformação da intimidade em relatos compartilhados coloca os usuários das redes sociais automaticamente predispostos ao voyeurismo e, no limite, à vigilância. Nessas plataformas em que o outro é sempre alguém a ser visto, a curiosidade aparece como combustível central de uma navegação horizontal, sem rumo, na qual as histórias de vida estão ao alcance de um clique. Se a maquinaria da vigilância disciplinar procurava “desvelar, para além do comportamento e dos aspectos visíveis, uma interioridade, uma personalidade ou um psiquismo que se encontravam insinuados na superfície dos discursos e atos” (Bruno, 2006), o controle no Orkut reordena essas peças mirando em personalidades que se explicitam na própria superfície.

<sup>22</sup> Disponível em <http://www.orkut.com.br/Main#Profile.aspx?uid=16540731488708604673>. Acesso em 13 de julho de 2009.

<sup>23</sup> Disponível em <http://www.orkut.com.br/Main#Scrapbook.aspx?uid=16540731488708604673&pageSize=&na=3&nst=-2&nid=16540731488708604673-1244976187-16811880974211849620>. Acesso em 13 de julho de 2009.

Perguntado se o *Google*, proprietário do Orkut, não havia de alguma forma tentado impedir o serviço, Eduardo responde que isso não aconteceu. Mais além, que *O Curioso* utilizou por um tempo o sistema de publicidade *AdSense*, esquema de capitalização de recursos oferecido pelo próprio *Google*. Eduardo aponta também a possibilidade de expansão do seu negócio, atualmente financiado pelo grupo de afiliados do *Mercado Livre*:

“Com certeza a maioria não continuaria (a usar o serviço caso fosse pago), mas com um universo tão grande de usuários, é fato que existiria alguma demanda. No entanto, nunca foi a ideia que o site tivesse um modelo somente pago. O que poderia existir seriam serviços *premium*, que fossem pagos, mas o modelo gratuito ainda persistiria.”

Talvez quem viesse a pagar por uma conta *premium* fosse o engenheiro agrônomo Cláudio, de 24 anos e morador do interior de Santa Catarina, que utiliza *O Curioso* há mais de dois anos, acessando-o ao menos uma vez a cada dois dias. Sua inscrição no site não foi motivada pela espionagem, mas para que pudesse ler os recados que ele mesmo recebe no Orkut a partir de seu local de trabalho, onde o acesso à rede social não é permitido. Entretanto, descoberto o prazer de espionar a própria intimidade se desenrolando na tela do computador, ele confessa que

“depois descobri que também poderia acompanhar a vida de qualquer um que estava cadastrado no Orkut. Pessoas próximas, como familiares e alguns amigos que costumam esconder algumas coisas, principalmente daqueles que apagam recados, eu adicionei para acompanhar um pouco mais de perto sua intimidade no Orkut, através do *O Curioso*. E o que mais me chamou a atenção do serviço foi que os adicionados não sabem que você monitora sua vida *on-line* e o mais bacana, é de graça.”<sup>24</sup>

Cláudio, que utiliza o Orkut para se comunicar “com vizinhos e com quem mora do outro lado do país”, diz que não teria problema em saber que alguém também monitora seus passos pelo *O Curioso*. Citando o ditado “quem não deve não teme”, ele revela que não passou a tomar mais cuidados com seu próprio Orkut depois que descobriu *O Curioso*, já que “protegendo ou não seus recados, alguém da sua lista de amigos ainda pode te adicionar e monitorar seus recados”.

Usuário assíduo do serviço, Cláudio é moderador da comunidade do *O Curioso* no Orkut, da qual participam 4.032 membros e na qual consta um fórum de debates razoavelmente ativo para os padrões da rede. Numa enquete<sup>25</sup> realizada

<sup>24</sup> Entrevista concedida por e-mail. Mensagem recebida por: <psleandro@gmail.com>. Em anexo.

<sup>25</sup> Disponível em

<http://www.orkut.com.br/Main#CommPollResults.aspx?cmm=17196188&pid=176309054&pct=1188139839>

sobre o principal motivo para a utilização do serviço respondida por 553 destes participantes, 72% apontaram que seria para “ver os recados de alguém que gosta/namorado(a)”. 12% assumiram que o fazem para “fofocar”, 8% para acessar seu próprio livro de recados do Orkut em locais onde o acesso ao site é bloqueado e 8% para “ver o Orkut dos amigos apenas”.

O fórum da comunidade demonstra que o *Curioso* é realmente levado a sério por seus usuários. Entre tópicos diversos, destacam-se aqueles que louvam a iniciativa – “A galera está viciada no *Curioso*... eh muito bom mesmo!” e a preocupação em se ajudar o criador do serviço gratuito: “o cara é um gênio e eu colaboraria sem dúvida alguma. A salvação de todos os neuróticos, obsessivos e curiosos de plantão!”<sup>26</sup>. Nutre-se, assim, o sonho de saber tudo o que é dito por aí, especialmente tudo aquilo que se diz sobre si: “Eu vou no Orkut dos meus amigos p/ ver os recados deles rrsrrsrs Pois as vezes pode ter fofokinhas sobre vc la, rerere Por issu ke tem ke ser Curioso msm!”<sup>27</sup>.

O *Curioso* não é a única iniciativa de monitoramento de redes sociais. Com outra mecânica de funcionamento, mas metas afins, o *software ScrapBoy*<sup>28</sup> também oferece o serviço de vasculha de sites como Facebook e MySpace, revelando, além da vulnerabilidade das informações *on-line*, a crescente negociação da “intimidade” como objeto de interesse social. No Brasil, o site *Te Fucei*<sup>29</sup> se apresenta como um complemento do *O Curioso*. Em vez de monitorar as mensagens que determinado usuário do Orkut recebe em seu livro de recados, o serviço – também gratuito – *fuça* tudo o que o vigiado publica na rede, seja através de recados, depoimentos ou de tópicos criados em comunidades.

“Fuce o perfil de seus amigos anonimamente! O *Te Fucei* oferece a possibilidade de você se atualizar sobre a vida dos outros de uma forma rápida, segura e anônima. Você vai ler recados, depoimentos e tópicos de autoria da pessoa que você fuçar utilizando o *Te Fucei*! Informação em tempo real ao seu alcance, sempre que você desejar e sem pagar nada por isso. Cadastre-se agora e seja sempre o primeiro a saber! O *Te Fucei* pode ser útil em diversas situações como acompanhar as atividades de seus filhos, namorada, namorado, amigos, esposa, marido etc...”<sup>30</sup>

<sup>26</sup> Disponível em <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs.aspx?cmm=17196188&tid=2516510328341357179&na=1&nst=1>.

<sup>27</sup> Disponível em <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs.aspx?cmm=17196188&tid=2515484425995457692>

<sup>28</sup> Disponível em <http://www.scrapboy.com>.

<sup>29</sup> Disponível em <http://www.tefucei.com>.

<sup>30</sup> Disponível em <http://www.tefucei.com>. Acesso em 10 de julho de 2009.

Criado em setembro de 2007 pelo desenvolvedor Luciano, 33 anos de idade e morador do Rio de Janeiro, o site também consiste num *crawler* cujo sistema de vasculha é um pouco diferente: em vez de pesquisar por novas mensagens na página do vigiado, o *Te Fucei* varre os perfis dos seus amigos procurando recados ou depoimentos assinados por ele. Com isso, tem-se acesso às mensagens que o dono do perfil monitorado escreveu para qualquer um de seus contatos. Luciano diz que

“a idéia do site surgiu de uma necessidade pessoal, criei o sistema para bisbilhotar o perfil de minha namorada. Ao mostrar para alguns amigos, eles gostaram muito e disseram que eu deveria disponibilizar para outras pessoas. Este *feedback* me fez enxergar o potencial da ferramenta.”<sup>31</sup>



**Figura 15:** Página inicial do site *Te Fucei!*

O criador do site prefere não revelar quantos usuários têm cadastro no *Te Fucei*, mas só a comunidade no Orkut possui 2.930 participantes. Luciano, que diz ter “foco no empreendedorismo”, acredita que o serviço continuaria a ser procurado caso fosse pago, “inclusive existe a idéia de futuramente passar a cobrar. O *Te Fucei* tem um número razoável de usuários frequentes, uma boa parte destes usuários é a favor do serviço pago”.

<sup>31</sup> Entrevista concedida por e-mail. Mensagem recebida por: <psleandro@gmail.com>. Em anexo.

Pela troca de mensagens na comunidade do *Te Fucei* no Orkut parece mesmo possível que os usuários viessem a pagar para seguir vigiando o que os outros têm falado. Perguntados<sup>32</sup> por que motivo usam o serviço, os usuários respondem que é pra “ter um relatório completo do meu namorado”, “saber os podres dos meus amigos!”, “eu fucei eu mesmo pra saber os últimos recados que eu mandei... hahaha!”. O empreendedor Luciano, que modera o fórum e responde a todos os que têm dúvidas sobre o serviço, é visto na comunidade como um exemplo daquele *anônimo com reputação* de que falara Antoun (2007): “eu admiro muito todo esse trabalho que vc tem, e ainda responder a todos com tanta paciência e atenção... sei como eh dificil... saiba que sou sua fã... bjus”<sup>33</sup>.

\*

Seria sem dúvida equivocado supor que a curiosidade sobre a vida alheia seja um fenômeno social recente. Há muito tempo, a questão da violação de correspondências, por exemplo, tornou-se não apenas uma figura criminal, como também uma alegoria sobre as suscetibilidades do território da privacidade no imaginário ocidental. Não interessa, portanto, decantar o formidável nascimento de um mau hábito, mas, antes, comentar a nova modulação de seus apelos junto às formas de subjetivação e sua proximidade com o arsenal de pequenos poderes e macrovalores que as novas tecnologias insinuam para o indivíduo contemporâneo.

“O organismo conectado e estendido pelas redes teleinformáticas” (Sibilia, 2002; 57) se situa no quadro da Web 2.0 tendo a visibilidade como modo de ação e existência em plataformas participativas, mas também se enreda numa forma diferente de observar os demais usuários. Nas redes sociais, aciona-se a objetificação da alteridade, num modo particular e confortável de colocar o outro em foco. Se, “ao mesmo tempo em que captura alguma coisa, em princípio todo olhar se oferece e revela algo” (Rodrigues, 2006; 55), a mediação possibilitada

---

<sup>32</sup> Disponível em <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs.aspx?cmm=38598030&tid=2569144871314375155&na=3&nst=11&nid=38598030-2569144871314375155-2570370639841452765>. Acesso em 10 de julho de 2009.

<sup>33</sup> Disponível em <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs.aspx?cmm=38598030&tid=2564630465542136052>. Acesso em 10 de julho de 2009.

por essas redes confere ao usuário o raro prazer da observação distanciada. Um privilégio que tem a ver com o que Clay Calvert denominou *voyeurismo mediado*:

“o consumo de informações e imagens reveladoras sobre a vida aparentemente real e desprotegida dos outros, geralmente visando ao entretenimento, mas frequentemente à custa da privacidade e da interação verbal, através dos meios da comunicação de massa e da internet.” (2000; 2-3) (tradução minha)<sup>34</sup>

Esse voyeurismo que é retroalimentado pelas leis da visibilidade nas redes sociais ancora-se na coleta dos diversos elementos que tecem cada narrativa pessoal *on-line*. Ao se darem a ver por meio de diferentes discursos, os usuários se candidatam a alguma sociabilidade, compondo perfis mais ou menos convidativos para os demais membros da rede. Em diálogo com Calvert, Bumgarner salienta que o exibicionismo que se produz no ciberespaço tanto visa a expressar a “viabilidade social” de alguém, como também pleiteia exercer um tipo de controle, qual seja, o direito de validar o outro a partir da aceitação em sua rede de confiança.

Os jovens entrevistados para este estudo, no entanto, dão a entender que a sociabilidade no Orkut se baseia antes na oportunidade de colher mais informações sobre indivíduos a quem estão conectados por laços fracos ou mesmo por laços fortes no mundo *off-line*. A interação social presente no site, dessa maneira, não seria substituta dos contatos reais, mas agregadora de valores e reveladora de traços de interesse. Camila, por exemplo, acha que

“é curioso você conhecer uma pessoa ao vivo e depois checar o Orkut dela: não só pelas comunidades, mas também pelas fotos dos amigos, ou os recados que ela troca, tudo cria uma ideia sobre o que a pessoa é, e pode coincidir ou não com a imagem que tínhamos feito quando conhecemos ao vivo.”

A *imagem* que se faz de alguém num primeiro encontro pode ser então autenticada ou contradita pela maneira com que essa pessoa se coloca no mundo *on-line*, tendo como objeto de comparação suas comunidades ou até os recados que troca com seus contatos.

Como abordado no terceiro capítulo, a novidade histórica que representa a Web 2.0 é a efetivação da comunicação distribuída na internet, isto é, a abertura de canais reais de participação que dão a cada indivíduo minimamente instrumentalizado o poder de se expressar livremente. O *voyeurismo mediado* de

---

<sup>34</sup> Do original: “(...) the consumption of revealing images of and information about others’ apparently real and unguarded lives, often yet not always for purposes of entertainment but frequently at the expense of privacy and discourse, through the means of the mass media and internet.”

Calvert atende ao exame de alguns dos mecanismos de observação que se originam dessas experiências por realçar a qualidade do consumo de imagens e informação sobre a vida *on-line* dos outros. Entretanto, outras concepções também se mostram pertinentes para compreender o que se desenrola nesses ambientes digitais.

Antes mesmo da popularização dessas plataformas de compartilhamento de conteúdo na internet, Mark Poster havia cunhado o termo *vigilância participativa* a fim de designar como as tecnologias da comunicação passariam a disciplinar os indivíduos não mais à força da vigilância, mas pela via da participação. O autor investigava a oferta de serviços que eram capazes de fornecer a empresas ou instituições elaborados bancos de dados sobre seus clientes: da telefonia celular aos cartões de crédito, o cotidiano do indivíduo urbano em fins do século XX via-se permeado de pequenos aparelhos de disciplina, capazes de rastrear seu comportamento e propensões de consumo. Tidos como tecnologias da liberdade, esses bens não deixavam de circunscrever a individualidade de cada um, submetendo-a a exame, medição, localização e controle, tais como as clássicas formas da vigilância disciplinar, constituindo uma espécie de *superpanóptico*.

“A indesejada vigilância da escolha individual torna-se parte de uma realidade discursiva através da participação voluntária do indivíduo vigiado. Nesta situação, o jogo de poder e discurso tem uma configuração singular, uma vez que o vigiado é quem fornece a informação necessária para a vigilância.” (2000; 102)

Paradoxalmente, Poster analisava uma circunstância em que a noção de participação ainda era bem passiva frente ao que se desenrolaria nas atuais plataformas da comunicação distribuída. Porque mesmo que as tecnologias por ele enfocadas requeressem a ação de cada indivíduo pela própria vontade – diferente do olhar coercitivo e intrusivo da disciplina moderna –, elas se caracterizavam por um uso relativamente privatizado: as individualidades poderiam ser separadas, enumeradas e comparadas a outras involuntariamente, a partir da incorporação cotidiana de produtos e serviços que atendiam a modelos de consumo, pagamento ou circulação de informação em larga escala.

No contexto da comunicação aberta pelo ciberespaço, essa noção parece sofrer uma readequação, pois “a informação necessária para a vigilância” não é apenas fornecida de maneira mecânica pelo consumidor de determinada tecnologia à análise da empresa que a oferece. Ainda que o uso das redes sociais

também se sujeite cada vez mais a macroinspeções<sup>35 36</sup>, nelas se verifica, de acordo com toda a dinâmica exposta neste ensaio, que o próprio usuário apresenta sua singularidade participativa ao escrutínio de *seus pares*. Assim, ao mesmo tempo em que nos macroprocessos de vigilância digital, baseados no mapeamento preditivo de ações e comportamentos de consumo,

“a diminuição da importância do olhar viria de par com o aumento na velocidade de recuperação das informações e uma potencialização na capacidade de transformar as informações coletadas em conhecimento sobre a população que produz essa informação” (Antoun & Pecini, 2007),

verifica-se, numa possível investigação psicológica do uso da Web 2.0, a presença de mecanismos de monitoramento que voltam a exaltar o olhar do observador. Contudo, nesse cenário cada vigia é – ou pode ser – também um vigiado.

Foi nesse sentido que Anders Albrechtslund (2008) resgatou o termo *vigilância participativa* para descrever o acesso e o uso de informações pessoais de outros indivíduos em redes sociais. Em *Online Social Networking as Participatory Surveillance*, o autor defende que a vigilância que é parte indissociável da sociabilidade nesses ambientes digitais se distancia do sistema

<sup>35</sup> O Instituto Brasileiro de Opinião e Estatística, por exemplo, lançou em 2008 um sistema de monitoramento do comportamento *on-line* de usuários de redes sociais, com vistas a definir tendências de consumo do público-alvo das empresas que contratam o serviço: “O Ibope Mídia apresentou uma solução que utiliza as redes sociais como ferramenta para analisar os gostos e comportamentos de seus usuários. Chamada de *Coleta RS* e desenvolvida em parceria com a Universidade de São Paulo, essa alternativa poder ser utilizada por empresas que querem avaliar a percepção dos consumidores em relação às suas marcas e produtos, por exemplo. A ferramenta marca o reconhecimento das redes sociais como uma rica fonte de informações para empresas e também agências de publicidade *on-line*. ‘O impacto do que acontece nessas comunidades é tão grande que dificilmente o site oficial de uma companhia conseguiria concorrer com a força desses grupos’, afirmou Alexandre Magalhães, analista de internet do Ibope//NetRatings.” *Ibope passa a usar Orkut para entender consumidor brasileiro*, matéria de Juliana Carpane, publicada no portal G1 no dia 19 de junho de 2008. Disponível em <http://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,MUL607126-6174,00.html>. Acesso em 20 de março de 2009.

<sup>36</sup> O seminário *Redes Sociais: a nova mídia é o consumidor*, organizado na cidade de São Paulo pela revista *Info* em agosto de 2008, abordou de que maneira as empresas podem tirar proveito da repercussão dessas ferramentas de comunicação junto ao público jovem. Apoiadas na análise de comunidades como ‘eu amo X’ e ‘eu odeio Y’, no Orkut, é possível averiguar como os consumidores se relacionam com marcas e seus produtos. Outro fator importante é a viabilidade de uma comunicação dirigida a públicos específicos, o que se dificulta nos meios de massa mais tradicionais. “Para as agências especializadas em *marketing viral*, os ganhos aparecem quando a comunicação é bem dirigida ao seu público-alvo. Um bom exemplo está na rede social para adolescentes *Habbo Hotel*. O site criou campanhas para o filme *Wall-E*, da Disney, e para o xampu *Seda Teens*, da Unilever. Os índices de resposta foram de 30% e 15%, respectivamente. ‘São índices muito altos, obtidos porque as mensagens foram direcionadas ao público certo’, diz Alisson Pedro, diretor-geral do *Habbo Hotel* no Brasil.” *Rede Social é bom negócio*, matéria de Bruno Ferrari publicada no site da revista *Info* em 13 de outubro de 2008. Disponível em <http://info.abril.com.br/profissional/redes-sociais/rede-social-e-bom-negocio.shtml?3>. Acesso em 20 de março de 2009.

disciplinar, no qual o poder, hierárquico e vertical, está nas mãos do observador e os vigiados são demarcados como corpos dóceis, sujeitos à inspeção. Em sua opinião, a vigilância participativa deveria ser pensada como uma prática mútua e horizontal: nela se apresenta a superação daquela metáfora espacial utilizada para delinear o conceito das disciplinas a partir da arquitetura panóptica de Bentham, incorporada por muitas das instituições modernas.

“Cada um, em seu lugar, está bem trancado em sua cela de onde é visto de frente pelo vigia; mas os muros laterais impedem que entre em contato com seus companheiros. É visto, mas não vê; objeto de uma informação, nunca sujeito de uma comunicação”. (Foucault, 2008; 166)

Essa disposição arquitetural que isolava o vigiado e inspirou Foucault na concepção das técnicas de visibilidade, controle e formas de subjetivação que fundaram muitas das instituições e sensibilidades do período moderno não poderia ser aplicada a um cenário tão diferente como aquele verificado nas redes sociais da Web 2.0. Nessas, estaria presente uma forma descentralizada de poder, que prescinde de uma torre de comando e no qual todo observador seria também um observado: sujeito de comunicação ao invés de objeto de informação.

Albrechtslund prossegue com sua explicação alegando que, além de o modelo do panoptismo não se adequar ao fenômeno corrente, a vigilância participativa poderia ser ainda positivada por representar um meio de empoderamento dos usuários das redes sociais. Esse mecanismo diferenciado de perceber contextos e coletar informações sobre as pessoas seria uma nova vertente de socialização, apoiada no compartilhamento de conteúdos e narrativas identitárias. A mutualidade da experiência da vigilância se tornaria, assim, uma espécie de redenção para a carga nociva que esse conceito assumiu nos estudos críticos pós-foucaultianos, uma vez que os indivíduos, engajados na cultura da participação, teriam nela uma maneira voluntária de adquirir conhecimento a respeito uns dos outros.

“As redes sociais podem empoderar o usuário pois o monitoramento e os registros nelas presentes facilitam novas formas de construir a identidade, encontrar amigos e socializar com as pessoas. O usuário deixa de ser passivo para ser ativo, já que a vigilância nesse contexto oferece oportunidades de tomar medidas, procurar informações e se comunicar. Essas redes, portanto, ilustram que a vigilância – como uma prática mútua, empoderadora e produtora de subjetividade – é fundamentalmente social.” (Albrechtslund, 2008) (tradução minha)<sup>37</sup>

<sup>37</sup> Do original: “Online social networking can also be empowering for the user, as the monitoring and registration facilitates new ways of constructing identity, meeting friends and colleagues as

O argumento é leviano por ignorar uma obviedade: a subjetividade que dá contornos a essas redes é, ela própria, desdobramento de uma forma de poder que tem na visibilidade um instrumento de sua tirania. Ao abraçar a perspectiva de que uma sociedade interligada e aberta à troca simultânea de informações reflete por si só o empoderamento de seus atores, o autor desliza na mesma armadilha que faz os usuários do Orkut, por exemplo, adotarem seus sempre “proveitosos” novos recursos. A festejada participação que regula essa nova vigilância deriva daquele valor assumido pela informação como meio de atualização da memória, sendo aqui levada a um nível avançado de realização, qual seja, à fundamentação da alteridade numa coletânea voyeurística de dados, informações, imagens digitais.

“A produção desse imaginário social (...) se desenha pelas imagens e, dessa maneira, não se pode mais opor o original à cópia, pois o simulacro perpassa a totalidade do tecido social, constituindo uma nova concepção de realidade. Pela subversão das hierarquias entre verdadeiro e falso, original e cópias, a sociabilidade narcísica é antiplatônica por excelência.” (Birman, 2005; 188-189)

Na conclusão deste trabalho, serão apresentadas algumas sínteses do movimento percorrido até aqui, bem como uma discussão sobre essa luta apaixonada que une os imperativos de visibilidade e vigilância no contexto da Web 2.0.